



SAÚDE ONLINE





Better Health, Brighter Future

Podemos sempre fazer mais para melhorar a vida das pessoas. Impulsionados pela paixão de realizar este objetivo, a Takeda proporciona medicamentos inovadores à sociedade desde a sua fundação em 1781.

Hoje, combatemos diversos problemas de saúde em todo o Mundo, desde a sua prevenção à cura. Mas a nossa ambição mantém-se: encontrar novas soluções que façam a diferença e disponibilizar melhores fármacos que ajudem o maior número de pessoas possível, o mais rápido que conseguirmos.

Com a ampla experiência, sabedoria e perseverança da nossa equipa, a Takeda terá sempre o compromisso de melhorar o amanhã. Gastrenterologia
Oncologia
Sistema Nervoso Central
Vacinas

I Índice



JE O Jornal Económico

Revista distribuída com
O Jornal Económico
Propriedade: Megafin, Sociedade Editora SA
Diretor: Filipe Alves
Diretor adjunto: Shrikesh Laxmidas
Subdiretor: Ricardo Santos Ferreira
Coordenação: Miguel Múrias Mauritti
Área Comercial: Cláudia Sousa (Diretora),
Elsa Soares, Isabel Silva, Ana Catarino,
Cristina Marques e Luís Araújo
Fotografia: Ludgero Zorro
Paginação: Fábio Gomes
e Rute Marcelino
Rua Vieira da Silva 45, 1350-342 Lisboa

Os conteúdos dos parceiros tecnológicos e do Guia dos Seguradores e Corretores são da inteira responsabilidade dos mesmos.



06 | Análise

Numa análise ao setor Aranda da Silva, que presidiu à Fundação do Infarmed e é hoje presidente do conselho de administração da Fundação SNS, defende ser necessário que os serviços públicos de saúde têm de investir na investigação clínica e tecnológica não só como forma de formar os seus recursos humanos, mas de produzirem riqueza.



8 | Entrevista

Rosa Valente Matos, Secretária de Estado da Saúde com a tutela do medicamento, afirma que uma das prioridades do atual Governo tem sido a promoção de uma política sustentável na área do medicamento, que se traduziu num aumento do número de medicamentos inovadores aprovados.



12 | Entrevista

Em entrevista, João Almeida Lopes afirma que não existe nenhuma área da atividade económica tão transparente e em que as declarações de interesses sejam tão fundamentadas e expostas ao público como a da Saúde no seu todo e a dos medicamentos em particular.



18 | Entrevista

Maria do Céu Machado, presidente da autoridade reguladora do setor, diz que apesar de haver acesso à inovação terapêutica, esta está a um preço inexplicavelmente oneroso que não se acredita que resulta do custo da investigação.

22 | Fórum

O Jornal Económico ouviu as opiniões de alguns gestores de topo da indústria farmacêutica a operar em Portugal sobre os grandes desafios que o setor enfrenta no médio prazo.

28 | Diretório das mais importantes empresas farmacêuticas a operar em Portugal

Editorial

Por Miguel Múrias Mauritti

Como enfrentar o desafio de mais de 7000 novos medicamentos em desenvolvimento



om mais de 7000 medicamentos em desenvolvimento, dos quais quase 2000 para o tratamento do cancro, uma nova onda de inovação promete vir a desempenhar um papel fundamental na resposta aos desafios enfrentados pelos doentes e pelos sistemas de saúde.

Em Portugal, estes desafios assumem contornos pouco vulgares, com a inovação a entrar a conta-gotas no Serviço Nacional de Saúde e os portugueses a serem dos europeus que mais tarde acedem aos novos medicamentos.

A alguns nem chegam a aceder, por não ter sido possível que a entidade reguladora, o Infarmed, e a empresa detentora do novo fármaco chegassem a acordo relativamente ao preço.

Mas o maior desafio que enfrenta o SNS e as empresas farmacêuticas é outro, identificado há mais de uma década e que permanece por sanar: a suborçamentação crónica do Setor da Saúde, que invariavelmente recebe menos dinheiro do orçamento do Estado do que o que se sabe que irá gastar no exercício.

Este ano, não foi diferente. Muito embora em valor tenha sido o maior de sempre, o montante inscrito no orçamento do estado para 2018 é inferior ao gasto no exercício de 2017.

Face à desorçamentação crónica, não é

possível – ou será muito difícil – responsabilizar os gestores hospitalares pelas sucessivas derrapagens com consequente aumento da dívida, particularmente a vencida – com mais de 90 dias – que no final do ano ascendia a cerca de 1400 milhões de euros.

A estratégia para fazer face ao deficit é sempre a mesma: no final do exercício e no seu início, procedem-se a injeções, ora de capital, ora de dotações extraordinárias, para limpar os passivos. O que acontece é também de uma regularidade confrangedora. Na posse das verbas extraordinárias para liquidar dívida vencida à industria farmacêutica, as administrações hospitalares, confiantes de que o problema há-de ser resolvido – tem-no sido sempre – utilizam as dotações para fazer face a outras despesas sem respaldo orcamental.

O ritmo de crescimento médio da dívida situou-se em cerca de 46 milhões de euros por mês durante o ano de 2017, duplicando a partir de dezembro de 2018, de acordo com dados da Direção Geral do Orçamento. De facto, O ritmo de crescimento nos últimos dois meses avança para 93 milhões de euros por mês.

Os milhões prometidos, que poderiam sanar a totalidade do passivo, foram cativados pelas Finanças, que é quem de facto governa a pasta de que é titular Adalberto Campos Fernandes.

A nova vaga de inovação que se anuncia, coloca outros desafios, difíceis de ultrapassar, o mais problemático dos quais a conjugação da evolução demográfica, com um aumento de esperança de vida não saudável. Vivemos mais, mas os anos ganhos são marcado por multipatologia, pobreza e exclusão social.

Neste ambiente, a Indústria Farmacêutica tem procurado acomodar as espectativas da Saúde, oferendo acordos vantajosos para o Estado. Foi o que aconteceu, entre muitos outros casos, com os tratamentos para a Hepatite C, que vieram alterar a história natural da doença, que de crónica, passou a poder ser curada.

Pesem os pequenos passos que têm permitido ganhos avultados em saúde, se nada for feito para resolver a suborçamentação crónica da Saúde o espetro de mais de 7000 novos medicamentos ensombra o futuro do SNS.

De acordo com o Country Report relativo a Portugal, produzido pela Comissão Europeia e distribuído em março último, o nosso país deixou de estar classificado como tendo desequilíbrios macroeconómicos excessivos. Já no que respeita à área da Saúde o relatório refere que a sustentabilidade a curto prazo do sistema de saúde não está garantida. Os atrasos nos hospitais continuaram a aumentar em 2017. De acordo com os peritos da Comissão, as injeções de capital anunciadas, tanto no final de 2017 como no início de 2018, deverão ajudar a diminuir os atrasos nos próximos meses, no entanto, não parece resolver os problemas subjacentes de gestão hospitalar. O acumular contínuo de dívida evidência problemas com orçamentos insuficientes, práticas de gestão e fiscalização, além de despesas com pessoal e crescentes pressões da procura. No mesmo documento, pode-se ler que os gastos com saúde são agora responsáveis pela maior parcela dos custos do envelhecimento, trazendo as correspondentes implicações para a sustentabilidade a longo prazo. E conclui: apesar das medidas que estão a ser implementadas para tentar conter as despesas hospitalares, e seu impacto continua por se traduzir em resultados.



WWW.SAUDFONLINF.PT

TUDO O QUE ACONTECE NA SAÚDE AO LONGO DO DIA, TODOS OS DIAS



Lançado em setembro de 2016, o portal www.saudeonline.com conta hoje com mais de **124 mil utilizadores**

O portal **Saúde Online** é hoje, indiscutivelmente, a principal referência, entre os meios dedicados à divulgação de informação especializada na área da saúde sendo também o **órgão de comunicação social com maior audiência no segmento da saúde.**



Análise

Por José Aranda da Silva

Presidente do Conselho de Administração da Fundação para a Saúde - Serviço Nacional de Saúde

Temos de saber escolher e analisar as diferentes realidades

A inovação tecnológica é fundamental para os Doentes e Sistemas de Saúde.

hoje um fato universalmente constatado nos países mais desenvolvidos que o crescimento económico das sociedades tem valores inferiores ao crescimento das despesas com saúde.

O crescimento da oferta de serviços por parte dos Sistemas de Saúde e em particular pelos sistemas Públicos como é o caso do Serviço Nacional de saúde criou um importante mercado de bens e serviços que era impensável há quarenta anos.

A construção de milhares de infraestruturas como hospitais e centos de saúde, o aumento exponencial de profissionais qualificados como sejam enfermeiros (ainda insuficientes), médicos, farmacêuticos, psicólogos, nutricionistas e muitos outros, aumentaram a procura dos serviços de saúde públicos e privados.



A prestação de cuidados de saúde por parte dos Sistemas Públicos de Saúde, com vários formatos e sistemas de financiamento, são hoje, na Europa, não só um direito dos cidadãos consagrado constitucionalmente, como também um fator de coesão social com elevado contributo para o desenvolvimento económico e científico de cada país.

Naturalmente que para além dos investimentos em infraestruturas (de construção privada) e recursos humanos, dominantemente públicos, foi aumentando a oferta de tecnologias da saúde (medicamentos e dispositivos médicos, por exemplo) por iniciativa do setor privado que aproveita o crescimento do denominado "mercado" da saúde.

Acontece, no entanto, que a avaliação dos sistemas de saúde, públicos e priva-

dos, não tem sido feita através da quantificação e valorização dos resultados obtidos, do seu impacto no desenvolvimento económico, mas simplesmente através da avaliação dos seus custos financeiros nos orçamentos públicos.

Os países têm de reavaliar quanto estão dispostos a pagar para que a esperança de vida continue a aumentar com qualidade de vida, se devemos continuar a irradiar doenças de elevada mortalidade e a controlar outras, se pretendem manter elevados níveis de saúde das populações ou pretendem regredir para meados do século XX.

Estas opções exigem, em especial dos poderes públicos, elevada capacidade para fazerem escolhas, seja nos investimentos a fazer em infraestruturas e recursos humanos, nos investimentos em tecnologias da informação, novos modelos organizacionais dos serviços de saúde e na avaliação económica das tecnologias da saúde.

Os serviços públicos de saúde como o nosso SNS, tem de se modernizar-, alterar as suas formas de organização e integração dos cuidados, investir na qualificação dos recursos humanos, aumentar a responsabilização dos vários níveis de decisão e aumentar a participação dos cidadãos no sistema. Têm de investir na investigação clínica e tecnológica não só como forma de formar os seus recursos humanos, mas de produzirem riqueza.

Não é através do "politicamente correto "de diabolização" dos setores que fornecem as tecnologias que os problemas se resolvem.

Não é possível substituir, em quarenta anos, esses fornecedores, que também estão dependentes das aquisições dos sistemas públicos de saúde que dominam na esmagadora maioria dos países desenvolvidos (exceto nos EUA e alguns grandes países em vias de desenvolvimento).

O serviço público tem de ter instrumentos credíveis, qualificados, com procedimentos transparentes e auditáveis, para regular e controlar a oferta de tecnologias de forma a poder em cada momento escolher as mais eficientes.

Os sistemas públicos de saúde têm de apostar mais na prevenção e na educação para a saúde, estimulando hábitos de vida saudáveis que poderão diminuir a incidência de diversas patologias, hoje prevalentes, como a diabetes, doenças cardiovasculares, cancro e doenças respiratórias.

Nem toda a inovação é custo efetiva, mas tem sempre um papel a desempenhar e um valor a atribuir. Os antirretrovirais para o HIV transformaram uma doença aguda numa doença crónica e hoje assiste-se somente a inovações incrementais nesses medicamentos. Alguns medicamentos (caso da anfotericina, cimetidina, ampicilina para dar exemplos de moléculas já não patenteadas com mais de 40 anos) tornaram-se mais seguros e eficazes com inovações incrementais (novas formas de administração ou novas estruturas moleculares resultantes da evolução das iniciais)

A maioria da inovação na saúde e noutros setores (comunicações, indústria automóvel por exemplo) é inovação incremental.

A inovação espetacular, como aconteceu recentemente com os medicamentos para a hepatite C é rara em todas as áreas terapêuticas.

A própria indústria farmacêutica não é uniforme nos seus interesses. As grandes companhias multinacionais são fundamentalmente fornecedoras de novas tecnologias e a inovação permanente é fundamental para sobreviverem. As grandes empresas de medicamentos Genéricos pretendem manter preços rentáveis dos medicamentos que fornecem. Outras empresas, como acontece com a maioria das empresas Portuguesas, são fundamentalmente fabricantes e exportadores para outras empresas e mercados.

Estamos perante problemas complexos que exigem soluções fundamentadas na evidência científica e no diálogo transparente entre todos os intervenientes.

A interdependência económica no setor da saúde é um fato e têm de se encontrar soluções que evitem o colapso dos sistemas públicos de saúde e retrocessos nos ganhos sociais obtidos. Os fornecedores de tecnologias têm de se adaptar aos novos tempos em que mais que o preço, tem de se apresentar resultados credíveis e socialmente úteis que justifiquem os investimentos de ambas as partes.

Entrevista

por Miguel Múrias Mauritti

Rosa Valente de Matos

Secretária de Estado da Saúde

É imprescindível uma política sustentável na área do medicamento

Portugal tem condições excecionais para se tornar uma referência internacional na investigação e desenvolvimento de tecnologias inovadoras. O nível dos profissionais, das nossas universidades e dos centros de investigação biomédica permitem esta afirmação.

Ganhos em Saúde e indústria farmacêutica

O Serviço Nacional de Saúde está quase a celebrar 40 anos. Ao longo destas quase quatro décadas são inegáveis os ganhos em saúde em Portugal. Muitos destes ganhos devem-se, naturalmente, a evoluções noutros setores da sociedade. Muitos devem-se também ao trabalho direto do Serviço Nacional de Saúde e dos seus profissionais, mas é inegável que a indústria farmacêutica tem sido um parceiro relevante neste caminho de inovação e modernização.

Acredito que o trabalho de cooperação que estamos a desenvolver será positivo quer para melhorar o acesso dos doentes aos medicamentos quer para valorizar perante a opinião pública o contributo da indústria farmacêutica para os ganhos em saúde.

Os grandes desafios do mercado

O Serviço Nacional de Saúde é uma organização complexa e que depende da articulação com vários parceiros. Desta articulação dinâmica, resulta sempre a preocupação de assegurar a equidade no acesso, a qualidade dos cuidados e a eficiência. Esses são sem dúvida os maiores desafios com que nos confrontamos quotidianamente.

Na área do medicamento e das tecnologias de saúde temos assistido nos últimos anos à chegada ao mercado de um grande número de produtos. Uma das prioridades deste Governo tem sido a promoção de uma política sustentável na área do medicamento, o que se traduziu num aumento do número de medicamentos inovadores aprovados. Em 2016 foi aprovada a comparticipação do maior número anual de medicamentos até então (51 novas comparticipações) e em 2017 esse número aumentou para 60. Este aumento traduziu-se em mais e melhor acesso para os doentes e em mais qualidade de vida. Não considero que haja excesso de inovação, mas a base da sua inserção tem que ser sempre a sus-



tentabilidade e o ganho efetivo para a qualidade das respostas.

Contribuição da indústria farmacêutica para a formação dos profissionais de Saúde

Este é um setor que exige de nós uma abordagem dinâmica e inovadora. Mais do que as metodologias seguidas, o fundamental é que todos os processos sejam transparentes e auditáveis. A Plataforma de Comunicações – Transparência e Publicidade, que está disponível no site do Infarmed, é um dos bons exemplos de manutenção do apoio da indústria, mas de forma clara e de fácil consulta.



Os prazos de avaliação de comparticipação

Tem havido um esforço para melhorar a qualidade e os prazos de avaliação de comparticipação de novos medicamentos através do funcionamento mais eficiente da Comissão de Avaliação de Tecnologias de Saúde (CATS). Alguns medicamentos podem demorar um tempo considerado excessivo até à sua efetiva comparticipação. Este é um indicador que temos vindo a melhorar e a que vamos continuar a dar a melhor atenção. Ainda assim, convém salientar que não devemos confundir a autorização de

introdução no mercado aprovada pela EMA com a decisão de comparticipar ou não um medicamento, tendo em conta que enquanto se aguarda uma decisão, existem as chamadas autorizações de utilização especial (AUE) ou programas de acesso precoce (PAP), que garantem o acesso dos utentes aos medicamentos.

Equilíbrio entre inovação e sustentabilidade

O equilíbrio entre a inovação e a sustentabilidade é um tema atual de discussão e interesse internacional que só poderá ser resolvido num quadro de cooperação e partilha de experiências, onde estamos a trabalhar. Vivemos, e continuaremos a viver nos próximos anos, um período caraterizado pela chegada ao mercado de muitos medicamentos inovadores, em diversas áreas terapêuticas, especialmente na oncologia.

Valor "Justo"

O Infarmed tem feito um trabalho com qualidade internacionalmente reconhecida e os portugueses confiam no seu trabalho, sabendo que é feita a destrinça entre o que é realmente inovador e o que não evidencia mais-valias. 66

Portugal tem condições excecionais para se tornar uma referência internacional na investigação e desenvolvimento de tecnologias inovadoras.

Todo o trabalho de análise é apoiado em metodologias reconhecidas internacionalmente, que são aceites como as melhores práticas para avaliação de tecnologias de saúde e que, como nas autoridades de outros Estados membros da União Europeia responsáveis por esta avaliação, pretendem aproximar o valor atribuído a uma nova tecnologia do "valor justo".

Os desafios da regulação para os próximos anos

Nos próximos anos, o sistema de comparticipação, negociação e financiamento terá que integrar novas formas de gerir o acesso às novas terapêuticas. A mais recente legislação, o denominado SINATS, acrescenta um conjunto de novas formas de monitorização e financiamento, como por exemplo o pagamento por resultados. Este é um desafio internacional, que tem vindo a ser discutido em iniciativas que envolvem responsáveis de HTA, as entidades pagadoras, mas também a indústria farmacêutica e os doentes.

O potencial da indústria farmacêutica para a economia nacional

Portugal tem condições excecionais para se tornar uma referência internacional na investigação e desenvolvimento de tecnologias inovadoras. O nível dos profissionais, das nossas universidades e dos centros de investigação biomédica per-



mitem esta afirmação. É necessário que se continue e aprofunde o trabalho que tem vindo a ser desenvolvido, nomeadamente com a criação dos centros académicos de medicina e mais recentemente com a criação da agência de investigação biomédica, estimulando a organização e a colaboração no sentido de criar condições para um aumento significativo da investigação biomédica em Portugal e nomeadamente para o aumento do número de ensaios clínicos desenvolvidos em Portugal.

As novas regras de proteção de dados

A implementação das novas regras de proteção de dados resulta da obrigatoriedade de aplicar a nova legislação europeia. Esta implementação levará a algumas alterações na forma como deve ser implementada a proteção de dados, mas não me parece que vá constituir um entrave ao desenvolvimento da investigação, e particularmente da investigação biomédica, em Portugal.

A mudança para o Porto

Finalmente, sobre a transferência do Infarmed para o Porto, está um grupo de trabalho a analisar todo o processo e aguardamos as suas recomendações.



A caminho de um espaço europeu de dados de saúde

A entrada em vigor do Regulamento Geral de Proteção de Dados vem reforçar a proteção dos dados pessoais, refletindo os problemas da modernização digital no relacionamento entre cidadãos, empresas e estados.

Esta robustez garantística sobre os dados pessoais surge, porém, acompanhada por uma nova abertura à consideração e tratamento dos dados não pessoais.

Na verdade, o considerando n.º 26 do novo Regulamento afirma expressamente:

«Os princípios da proteção de dados não deverão, pois, aplicar-se às informações anónimas, ou seja, às informações que não digam respeito a uma pessoa singular identificada ou identificável nem a dados pessoais tornados de tal modo anónimos que o seu titular não seja ou já não possa ser identificado. O presente regulamento não diz, por isso, respeito ao tratamento dessas informações anónimas, inclusive para fins estatísticos ou de investigação.»

Ganha assim a maior importância aquele que foi sempre um dos temas mais intratáveis da proteção de dados – a separação entre dados pessoais e não pessoais -, e em especial nos setores que lidam com dados sensíveis como a saúde.

A recente proposta de "Regulamento relativo a um quadro para o livre fluxo de

dados não pessoais na União Europeia" e as medidas comunicadas no dia 25 de abril pela Comissão Europeia quanto à reutilização de dados detidos por organismos públicos e quanto à criação de um verdadeiro espaço europeu para a mobilidade dos dados não pessoais, são já o desenvolvimento desta abertura jurídica.

2. Estamos no princípio de uma era de grande alcance e descoberta para os sistemas de saúde.

A anonimização dos dados potenciada pela tecnologia faz recair sobre o universo dos dados não pessoais quaisquer informações e dados anónimos, seja por não se referirem a pessoas singulares identificadas ou identificáveis, seja por terem sido previamente anonimizados de modo a garantir a não identificabilidade das pessoas.

A consideração destes dados não pessoais de saúde como um recurso informativo tratável e disponível terá, com as devidas salvaguardas jurídicas, consequências profundas nos domínios da investigação clínica, da eficácia terapêutica e da racionalização do sistema de medicamentos.

Mais informação disponível, organizada e processada traduzir-se-á numa medicina mais precisa e mais eficaz. O espaço europeu dos dados de saúde está aí para ficar.



Informação PLMI

Equipa PLMJ Farmacêutico



Eduardo Nogueira Pinto Sócio PLMJ, Coordenador da Equipa de Farmacêutico



Pedro Lomba Consultor PLMJ



Joana Baeta Vieira Associada PLMJ

www.plmj.com

≘ +(351) 213 197 300

Avenida da Liberdade, 224
 Edifício Eurolex
 1250-148 Lisboa

Entrevista

por Miguel Múrias Mauritti

João Almeida Lopes

Presidente da Apifarma - Associação Portuguesa da Indústria Farmacêutica

A Suborçamentação crónica do SNS é incompatível com uma boa gestão

"Quando o sistema está subfinanciado, o próprio sistema tenta sobreviver com esse subfinanciamento procurando, de todas as formas, minimizar os seus efeitos. E como o faz? Não criando mais despesa, ou mais investimento, dependendo do ponto de vista.

Vilãs de um enredo em que salvam vidas, as empresas farmacêuticas desempenharam e desempenham um papel central na melhoria da saúde da população e no aumento da esperança de vida registado no último século, que a OMS estima em 70%. Como se explica esta distorção na perceção do papel por ela desempenhado por parte do público?

Não partilho essa ideia de que a Indústria Farmacêutica (IF) tenha uma má imagem. Aliás, se formos ver qual a atividade industrial que tem boa imagem, constatamos que nenhuma tem. Ou seja, a comunicação social, de alguma forma, agride a vertente empresarial da sociedade civil. A IF é também vítima disso, ainda que esteja convicto que a maioria das pessoas não tem uma má imagem da IF, assim como não tenho a menor dúvida de que há áreas de atividade económica que são muito mais malvistas pelas pessoas do que a IF.

Defende então que a IF tem boa imagem junto do público?

Acredito que a maioria das pessoas sabe que a IF é responsável pelo grande aumento da esperança e da qualidade de vida da população que se tem verificado nas últimas décadas. O que eu penso que possa acontecer, em algumas áreas, é uma banalização do uso do medicamento, que poderá levar a alguma desvalorização da sua importância.

Como assim?

Desde logo pelo facto de os medicamentos serem financiados pelo SNS, que é público, a que se junta a pressão sobre os preços que é exercida que faz com que tenhamos hoje medicamentos a preços muito baixos. E isso, creio, banalizou de alguma forma o medicamento. Quando pergunto a amigos meus o que é que estão a tomar para o colesterol ou para a hipertensão, é frequente eles não se lembrarem do nome. Ou seja, não se lembram do nome de um medicamento que tomam diariamente e que provavelmente os vai ajudar a viver com muito melhor qualidade de vida, por muitos mais anos. O não se lembrarem do nome do medicamento não deveria ser normal.

Estamos perante um mercado sui generis, em que quem toma, não escolhe nem paga, quem paga, não toma nem escolhe e quem escolhe, não toma nem paga: que desafios se colocam a um sector com esta característica única no mercado?

Mais uma vez discordo que se possa defi-

nir, dessa forma o mercado de medicamentos. É um conceito que já não corresponde à realidade.

Então?

Como sabe, em Portugal e nos demais países da União Europeia não é possível dar nota pública de medicamentos sujeitos a receita médica. A publicidade junto do público é proibida. Já o mesmo não acontece, por exemplo, nos Estados Unidos da América e em muitos outros países. Mas não é de todo verdade que as pessoas não tenham acesso a informação sobre esses medicamentos quando hoje a maioria tem acesso à Internet, através da qual qualquer pessoa pode aceder a toda a informação sobre todos os medicamentos. Portanto, essa ideia de que quem "manda" é o médico e o doente não tem qualquer papel na escolha, já não verdade. Sobretudo se estivermos a falar de pessoas com alguma literacia em saúde. Hoje, na internet, uma pessoa pode pesquisar mais informação ou alternativas para os medicamentos que o seu médico lhe prescreveu. A tudo isto, acresce o facto de haver um número cada vez maior de medicamentos não sujeitos a receita médica, aos quais as pessoas podem aceder.

Mesmo em Portugal?



Sem dúvida, embora reconheça que Portugal seja mais restritivo do que outros países nessa matéria. Se formos, por exemplo, à Suíça, à Inglaterra ou aos Estados Unidos, verificamos que há muitos mais medicamentos de venda livre à disposição do público. Por isso, a tal afirmação de que quem toma não escolhe, é cada vez mais contrariada pelos fenómenos que referi.

Por vezes ficamos com a ideia de que há excesso de inovação; que muito do que surge de novo não traz mais-valias. É assim?

Falar de excesso de inovação, parece-me um contrassenso. Porque ao falarmos de inovação estamo-nos a referir a medicamentos que nos vão permitir viver mais e com maior qualidade de vida. E estes, nunca são demais. A questão que coloca tem muito que ver com diferentes definições de inovação, que hoje coabitam o setor e o entendimento adotado maioritariamente pelo público. Para muita gente, inovação tem que ser disruptiva, marcar um "antes" e um "depois". Ora, o que na verdade acontece é que a inovação raramente é disruptiva, mas incremental. E isto em todas as áreas, seja na indústria automóvel, na das telecomunicações e em todas as demais. Os saltos disruptivos surgem quase sempre, de saltos incrementais. De facto, são estes avanços incrementais que, se analisados ao longo de uma década ou duas, permitiram aumentos significativos na esperança e na qualidade de vida dos doentes. Ou seja, alterações disruptivas resultantes do acumulado de várias inovações incrementais surgidas ao longo dos anos.

A Indústria farmacêutica tem desempenhado um papel fundamental na formação dos profissionais. Tendo em conta os "desencontros" que se têm verificado, pensa que deverá continuar a desempenhar esse papel?

O que tem vindo a acontecer não é, do meu ponto de vista, necessariamente demeritório.

Como assim?

Não me lembro de nenhuma área da atividade económica tão transparente e em que as declarações de interesses sejam tão fundamentadas e expostas ao público como a da Saúde no seu todo e a dos medicamen-

tos em particular. Os primeiros códigos deontológicos a surgir foram os da Saúde e dentro desta, os da área farmacêutica. Portanto, se há alguém que está perfeitamente à vontade para dizer quais são os seus conflitos de interesse; para mostrar de uma forma clara e perfeitamente transparente, que tipo de formação faz; que tipo de informação dá e que tipo de condições proporciona para determinada formação é a Indústria Farmacêutica. E neste aspeto, importa também dizer que a indústria farmacêutica portuguesa foi pioneira.

Mas a verdade é que não há muito tempo foram proibidas as formações patrocinadas pela IF realizadas dentro de instalações do SNS.

Não são mais do que pormenores; fait divers que não desmentem a convicção de que em termos científicos é fundamental que se continue a fazer formação aos profissionais de saúde, nomeadamente aos médicos. É evidente que num mundo utópico, provavelmente seria o Governo a patrocinar essa formação, mas não estaríamos a ser realistas ao afirmar que um tal cenário se vislumbra num horizonte próximo. Eu, como cidadão, talvez até preferisse a formação patrocinada pelo Governo, mas não existindo essa possibilidade, o que eu claramente quero, é que os profissionais sejam bem formados e tratem os seus doentes com o "state of the art".

É recorrente a queixa de que os processos de avaliação de novos medicamentos são muito demorados, que as regras não são claras, fazendo com que os portugueses acedam mais tarde do que outros europeus às novas tecnologias. É justa a queixa?

Não nos podemos esquecer de que Portugal foi pioneiro no sistema de avaliação de tecnologias da saúde, nomeadamente na avaliação fármaco-económica dos medicamentos. E continua a ser!

O sistema regulamentar português é, claramente, um sistema bem classificado no ranking europeu. Não é por acaso que na sequência do Brexit, Portugal recebeu cerca de 20% dos processos que os ingleses deixaram de poder avaliar após terem decidido sair da União Europeia. O Infarmed foi uma das agências reguladoras nacionais



66

Não é por acaso que na sequência do Brexit, Portugal recebeu cerca de 20% dos processos que os ingleses deixaram de poder avaliar após terem decidido sair da União Europeia.



escolhidas para realizar esse trabalho adicional, ao mesmo tempo que agências de grandes países da União não o foram. Isto quer dizer que a nossa agência é uma boa agência e que o nosso sistema de avaliação é um bom sistema.

E quanto ao acesso dos cidadãos aos medicamentos? Também estamos bem na fotografia?

Se me pergunta se em Portugal somos dos primeiros a ter acesso generalizado a determinado tipo de inovação, não somos. De facto, o nosso sistema tendo embora melhorado nos últimos dois anos, é claramente um sistema mais lento; que admite a inovação mais lentamente quando comparado aos sistemas dos demais países europeus. Também é verdade que a legislação sofreu alterações no final de 2017,

alterando os prazos de aprovação. Do que temos visto e ouvido, estamos em crer que alguma coisa está a mudar para melhor nessa área.

Mas o nosso sistema de avaliação de inovação não é um dos melhores, como referiu atrás?

É e não tenho dúvidas relativamente a isso.

Então como se explica essa dissonância no acesso?

É preciso não nos esquecermos de que o SNS está subfinanciado há décadas.

Iá lá ia...

O problema é que estas questões estão interligadas e têm que ser vistas em conjunto. Quando o sistema está subfinanciado, o próprio sistema tenta sobreviver com esse subfinanciamento procurando, de todas as formas, minimizar os seus efeitos. E como o faz? Não criando mais despesa, ou mais investimento, dependendo do ponto de vista. Isso reflete-se numa pressão - não vertida em normas - mas que faz com que as negociações com as empresas farmacêuticas sejam muito duras para que se consigam comprimir ao máximo os preços. E isto leva, naturalmente, a mais demoras e com estas, a um acesso mais tardio dos doentes a determinadas terapêuticas inovadoras. E se pensarmos que muitos dos hospitais do SNS estão subfinanciados, alguns mais do que outros, fácil é concluir que também a este nível se tente adiar, o mais possível, a entrada de inovação que possa fazer aumentar os compromissos financeiros. É claramente um problema de subfinanciamento, que na nossa opinião se tende a agravar se não forem encontradas soluções. E soluções quer para o subfinanciamento, quer para um enquadramento de médio prazo ou para uma Lei de enquadramento orçamental que se venham a querer implementar.

Se a Saúde é o que mais importante temos, não se compreende que ao nível político não se adotem as medidas que permitam colocar a saúde dos portugueses num patamar compatível com o dos demais cidadãos europeus.

Como se conjuga Inovação com sustentabilidade do sistema?

É outro problema que resulta da suborçamentação do Serviço Nacional de Saúde.

Mas o montante orçamentado para este ano é o mais elevado de sempre. Como se explica esta aparente contradicão?

É verdade! Em temos absolutos, a dotação orçamental para a Saúde em 2018 é a maior de sempre. Só que não inclui o necessário ajustamento à evolução demográfica. É bom que vivamos até mais tarde. Fazer anos, é sinal inequívoco de saúde, que em boa medida é justificada pela evolução tecnológica, que tem dado passos notáveis nos últimos anos. Esta evolução coloca, naturalmente, uma enorme pressão sobre os sistemas de saúde.

E quando comparamos os índices do que se investe em saúde em Portugal com o que se investe nos demais países da OCDE, por exemplo, constatamos que estamos claramente abaixo da média. E o facto de o nosso PIB ser mais baixo, não justifica nem cauciona a situação. Continuamos muito abaixo da média.

Mais: quando comparamos o peso da Saúde no Orçamento Geral do Estado, verificamos que tem vindo a perder peso. O orçamento de Estado de 2018, que como referi é o maior de sempre em termos de valores absolutos é ainda assim percentualmente inferior ao verificado em 2017, em percentagem da despesa total do Estado. Ora, não é essa a evolução que se regista nos demais países da OCDE, nos quais o investimento na saúde tem crescido.

O que fazer?

Temos que dar passos significativos nesse sentido, sob pena de perdermos o tanto que ganhámos em indicadores de saúde desde a fundação do SNS, aumentando o fosso entre os mais favorecidos e os mais pobres e entre regiões. São opções políticas que têm que ser tomadas.

As dívidas em atraso são uma constante no SNS. Aqui há tempos defendeu em entrevista que "Estado podia resolver dívida da saúde com emissão obrigacionista", tal como fez com as autarquias... É viável?

Apresentámos essa proposta há cerca de um ano. Seria uma emissão de dívida pública consignada, que permitiria solver as dívidas do setor, que neste momento deverão rondar os 1400 milhões de euros.

Não é um valor "extraordinário"...

O problema é que o orçamento da saúde é, ano após ano, insuficiente. Estamos sempre a falar de deficit. Que em 2018 será de cerca de -300 milhões de euros. Ou seja, a dotação da Saúde de 2018 que, volto a repetir, é a maior de sempre, é inferior aquilo que foi a despesa do SNS do ano anterior. Resultado... Vamos ter déficit; criar dívida, inevitavelmente.

Mas a verdade é que feitas as contas aparece sempre uma solução... No final do ano, habitualmente, ou no início do exercício seguinte.

É verdade. Mas ao fazer isso, tem que se garantir que o orçamento seguinte seja realista e comporte a despesa prevista, compatível com a realidade mais próxima que se conhece. Não pode acontecer, como hoje acontece, partirmos para um novo ano com uma verba inferior à gasta no ano anterior quando todos sabemos que a tendência é de crescimento.

E quando se sabe que mesmo a verba do ano anterior foi insuficiente para fazer face à despesa.

Claro. Foi necessário que se fizessem transferências no final do ano. A tudo isto junta-se um outro problema. Os hospitais, de alguma forma, como de resto todos nós, já nos habituámos a ver a República Portuguesa como uma "pessoa de bem"; que cumpre compromissos. Quase sempre com atrasos, mas cumpre!

Este ano foram 1400 milhões injeta-



dos, mais 500 milhões em aumentos de capital de Hospitais EPE.

É verdade. Acabam sempre, como já referi, por aparecer essas transferências "salvadoras". 400 Milhões de euros no final de 2017 mais 500 milhões no início de 2018, mais outros 500 milhões que supostamente irão aparecer agora no segundo trimestre. São 1400 milhões de euros que permitiriam resolver o problema da dívida.

E não resolvem?

Não. Isto porque as instituições, nomeadamente os hospitais, estão subfinanciados, contam com as transferências que hão-de vir e vão deixando acumular dívida. Resultado, quando chegam aos hospitais, essas



66

Ou seja, a dotação da Saúde de 2018 que, volto a repetir, é a maior de sempre, é inferior aquilo que foi a despesa do SNS do ano anterior. transferências já não chegam para eliminar as dívidas.

Como é que se chega a isso?

Estas transferências estão, de alguma forma, consignadas ao pagamento de dívidas. Ora, o que acontece é que as administrações, quando sabem que vai chegar dinheiro, deixam de pagar com a regularidade com que pagavam até aí, deixando acumular dívida ainda mais rapidamente.

Veja-se o que aconteceu aos 400 milhões injetados no final de 2017 mais aos 500 milhões no primeiro trimestre deste ano. Estamos a falar de 900 milhões de euros! A dívida dos hospitais à Indústria farmacêutica era de aproximadamente 900 milhões, mais coisa, menos coisa, no final de 2017. Dir-se-ia: "Entraram 900 milhões de euros e a dívida ficou regularizada". Não foi isso o que aconteceu.

Então?

De fevereiro de 2018 para março de 2018 a dívida foi reduzida em apenas 80 milhões. Porque mal se começou a falar nas transferências, deixaram de ser feitos pagamentos. Ou seja, estas transferências poderiam ser uma panaceia muito eficaz se efetivamente as instituições do SNS não aproveitassem a "luz ao fundo do túnel" que se acendeu com o anúncio das transferências, para deixarem de pagar às farmacêuticas, optando por resolver outros problemas resultantes da situação de subfinanciamento em que se encontram, certas de que para as empresas farmacêuticas e de dispositivos médicos, acabam sempre por aparecer injeções de emergência para daí a dois ou três meses reduzirem a dívida.

E voltamos novamente à questão da suborcamentação do SNS.

Enquanto não tivermos orçamentos minimamente ajustados às realidades, o problema não poderá ser resolvido. Mais: como dizia há dias o Professor Correia de Campos, É preciso pôr mais dinheiro; investir mais, para pagar menos. Não o fazer é estar a investir numa cultura de desresponsabilização e de desmotivação dos gestores. Não se pode responsabilizar um administrador por não ter conseguido cingir-se a uma dotação de 80 milhões quando o orçamento previsto e justificado como necessário era de 120 milhões, por exemplo.

Como não se pode partir para um novo exercício com uma verba inferior à despendida no ano anterior, quando todos sabemos que a tendência é crescente.

Penso que o facto de os orçamentos da Saúde não serem decididos de uma forma realista, contribui muito para a má gestão, para o desperdício e para a desmotivação da maioria dos gestores.

O Governo definiu como meta para os genéricos, uma quota superior a 50%. É exequível?

É um desejo que fica sempre bem nos discursos políticos. Apenas isso. De acordo com as nossas contas, que disponibilizamos na nossa página na Internet, contabilizamos como genéricos os medicamentos em cuja embalagem surge a designação "genérico" e também todos aqueles que já não têm qualquer tipo de patente, cujos preços são perfeitamente equivalentes aos dos medicamentos genéricos. Alguns deles, inclusivamente, com precos tão baixos que já não tiveram genéricos, substituindo-se eles próprios aos genéricos. De salientar que as contas que fizemos para calcular a quota de genéricos, foram auditadas por consultores externos, que as validaram.

E há muitos medicamentos nessa situação?

Muitos. Temos, por exemplo medicamentos com 30 ou 40 anos que custam 2 ou três euros. Se se decidisse avançar com genéricos o preço teria que ser 50% inferior ao dos originadores, ou seja, teriam que custar 1 ou 2 euros. Ora, ninguém coloca um genérico no mercado a um preço tão baixo. É um negócio que não interessa a ninguém.

E a quota de genéricos aferida pela Apifarma. Qual é?

Situa-se em cerca de 85%, em unidades. Portanto, é completamente falacioso quando se apontam quotas de genéricos de 40 ou 50%. Temos uma das quotas de genéricos mais elevadas da europa.

E a quota só sobe quando um "grande medicamento" perde a patente. A não ser assim, não há como a quota de genéricos aumentar em Portugal. Pelo que utilizar os genéricos como argumento político, não faz qualquer sentido, revelando apenas falta de conhecimento de quem argumenta.



Entrevista

por Miguel Múrias Mauritti

Prof. Maria do Céu Machado

Presidente do Conselho Diretivo do Infarmed - Autoridade Nacional do Medicamento e Produtos de Saúde, IP

A inovação está a um preço inexplicavelmente oneroso e não se acredita que resulte do custo da investigação

Regula um mercado sui generis, em que quem paga, não escolhe nem toma, quem toma não escolhe nem paga e quem escolhe, não toma nem paga. Um desafio, sempre presente, atingível através de uma política de avaliação de tecnologias inovadora e muito exigente, que a custo tem vindo a conseguir um equilíbrio entre o acréscimo de despesa e a acessibilidade dos doentes à inovação

Atutela de um setor como o do medicamento constitui, certamente um desafio intrincado. Como o encara?

Estes são desafios que se colocam em saúde pública, costuma dizer-se que um padre pode aconselhar a não pecar e ele próprio pecar, já para não falar dos médicos que não têm estilos de vida saudáveis. Os decisores têm de ter a noção do que é importante sobre o ponto de vista de saúde e o que é que tem custo-benefício relativamente à intervenção. Temos de ter a preocupação de que as pessoas têm acesso ao medicamento de que precisam, mas com a certeza também de que não estamos a impedir que outro cidadão, com outra patologia, não tenha o mesmo acesso, por uma questão de alto custo. Isto no respeito pela sustentabilidade do sistema de saúde.

A investigação farmacológica tem conhecido avanços surpreendentes. Pensa que há um limite a partir do qual já não será possível ir mais longe?

Acho que todas as gerações pensam que há

limites em tudo. O progresso da medicina é extraordinário, e eu sou médica há uns anos largos, e não há dúvida de que os últimos 20 anos têm sido mais do que surpreendentes, seja em medicamentos, dispositivos médicos ou na própria evidência. A intervenção humana leva-nos sempre mais longe. Hoje estive numa mesa sobre transformação digital da SPMS, estivemos a falar sobre a forma como nos podemos articular com as necessidades dos cidadãos através das redes sociais, por exemplo, sendo que ouvimos hoje nas notícias que em poucos anos cerca de 50% da informação das redes sociais será falsa. Como é que a vamos distinguir? Temos de o fazer enquanto humanos. A investigação farmacológica progride exponencialmente mas os ensaios clínico que demonstram evidência não são suficientes pelo que devemos monitorizar após entrada no serviço nacional de saúde, para perceber se é eficaz e seguro, para saber se a utilização em larga escala, no mundo real, mostra a mesma evidência.

Por vezes ficamos com a ideia de que há excesso de inovação; que muito do

que surge de novo não traz mais-valias. É assim?

Não há excesso de inovação, mas se não traz mais-valias não é inovação. Agora, para cada molécula que se considera inovadora e que tem um valor terapêutico acrescentado e um custo-benefício adequado, provavelmente a investigação pôs de parte nove ou dez moléculas, porque chegou à conclusão que não obedecia a estes critérios. Nunca há excesso porque o que é eficaz e seguro é uma pequena parte de tudo o que se investiga.

Como se explica, conhecendo-se o escrutínio apertado das autoridades reguladoras?

As autoridades reguladoras fazem o escrutínio com base nos ensaios clínicos. E os ensaios clínicos têm alguns constrangimentos. Por exemplo, numa era em que temos um número enorme de idosos, com múltiplas doenças crónicas e polimedicados, eu não consigo ter um ensaio clínico que seja para diabéticos, deprimidos e hipertensos. Tenho para cada um deles. Isso não significa que aquele medicamento que o ensaio clínico vem demonstrar ter valor

terapêutico acrescentado para o diabético venha a ter o mesmo resultado e eficácia num deprimido ou num hipertenso. Portanto, o escrutínio tem de ser apertado. Os ensaios têm critérios de inclusão e exclusão, como a multipatologia e, portanto, é absolutamente essencial monitorizar após a comercialização.

As empresas farmacêuticas desemprenharam e desempenham um papel central na melhoria da saúde da população e no aumento da esperança de vida registado no último século, superior a 50%. Ainda assim, passa uma má imagem para o público. Como se justifica esta distorção na perceção do papel por ela desempenhado por parte do público?

Os medicamentos, e em particular a inovação terapêutica, parecem ser responsáveis por 70% do aumento da esperança de vida. Por isso, são um dos maiores progressos da medicina. A perceção do público é capaz de ser negativa em relação às empresas porque, apesar de um acesso à inovação terapêutica, esta está a um preço inexplicavelmente oneroso e não se acredita que resulta do custo da investigação. Eu penso que a perceção do público, das empresas e das agências melhorava se as empresas fossem transparentes com as suas contas e publicitassem nos seus sites, por exemplo, o valor da investigação, da produção, a eficácia e a segurança.

Para além dos medicamentos, a Indústria farmacêutica contribui noutras áreas, como a da investigação. Em Portugal estas área não "core" têm peso assinalável?

Não tem ainda grande peso, mas tem enorme potencial para crescer. Há vários problemas. Quando eu estava no hospital achava que o facto de haver poucos ensaios clínicos era por culpa do Infarmed, agora que estou no Infarmed acho que é por culpa dos hospitais. Nós burocratizamos os ensaios clínicos e as empresas não acham Portugal muito interessante. Um dos aspetos que avançou foi a criação de centros de referência. O que as casas-mãe querem saber é se aqueles centros têm capacidade de cooptar um número mínimo de doentes. Temos de ter um mapeamento em Portugal, e o Infarmed está a fazer isso

com os centros de referência, nomeadamente em relação a patologias específicas. Temos de saber o que as empresas têm em fase I, que vão entrar em fase II e III, que nos interessam muito. Por outro lado, o ensaio pode ser atrasado no hospital pela avaliação financeira, por isso estamos a desenvolver um template financeiro facilitador para o contrato com os hospitais.

Goste-se ou não, a verdade é que a Indústria farmacêutica tem desempenhado um papel fundamental na formação dos profissionais. Tendo em conta os "desencontros" que se têm verificado, pensa que deverá a desempenhar esse papel?

A formação é importantíssima. São as próprias instituições, as empresas públicas ou privadas que têm a responsabilidade pela formação dos seus profissionais. O Infarmed tem, por exemplo, formação específica para os seus profissionais tendo em conta o que acha que são as necessidades globais e específicas. A indústria tem desempenhado um papel na formação, o que não tem problema desde que seja transparente, por um lado, e não envolva marketing encapotado, por outro. Eu acho que será útil que a empresa possa apoiar reuniões de sociedades científicas ou até dos serviços locais, desde que com transparência, mas não admito que a indústria faça uma festa ou um jantar para fazer marketing de um determinado medicamento inovador.

Em que outras vertentes de intervenção considera que deveria também atuar?

O Infarmed obviamente deve atuar relativamente aos profissionais de saúde, basicamente os médicos e os farmacêuticos, e também, aos cidadãos. Estamos a desenvolver o "projeto Incluir", que envolve doentes e associações de doentes. Temos responsabilidade de melhorar a literacia em saúde do cidadão comum. Em maio. o Infarmed vai realizar, no âmbito dos seus 25 anos, um fórum para o cidadão com temas como compras pela Internet ou medicamentos falsificados. A nossa intervenção deve também dirigir-se aos stakeholders, à indústria, e não deve passar apenas por reuniões de negociação, que são tensas, mas também por reuniões preparatórias em que percebemos



o portfólio, o que está em pipeline, qual a inovação que vai haver para os próximos anos e até fazendo reuniões como a que fizemos para a hemofilia ou diabetes, juntando empresas que têm medicamentos para a mesma patologia.

É recorrente a queixa de que os processos de avaliação são muito demorados, fazendo com que os portugueses acedam mais tarde do que outros europeus às novas tecnologias. É justa a queixa?

Não. Os processos eram de facto muito demorados, mas com o SINATS alterouse o processo de avaliação. A Comissão de Avaliação de Tecnologias de Saúde (CATS) foi criada há um ano e meio. Estamos a tentar cumprir os 210 dias e, in-



clusivamente, já aprovamos os genéricos e biossimilares em 30 dias. É preciso ver que há um pedido da indústria, é feita uma avaliação e depois regressa à indústria, que depois tem de apresentar o projeto à CATS, para determinar o valor farmacoeconómico. Isso atrasa os prazos. Depois, se os peritos da CATS tiverem dúvidas temos de parar o tempo. Contando tudo isso o tempo é maior, mas é dividido pelo Infarmed e pela indústria, porque há dúvidas de parte a parte.

Quantos processos de AIM estão neste momento em avaliação no Infarmed? 807 europeus e 167 nacionais.

E em avaliação prévia?

160, mais ou menos.

Quanto pode valer, em euros, de um Qaly? Há, em Portugal, um valor definido como limite aceitável?

Um dos nossos principais economistas da saúde diz que não deveria passar os 2500 euros. Isto depende do PIB, do nível de vida, por isso o valor justo é difícil de determinar, porque devia incluir o custo da investigação, da produção e a própria inovação (eficácia e segurança). Há medicamentos que durante a negociação baixam 50%, o que nos leva a pensar que realmente há um inflacionamento.

Mas há quem ofereça mais...

O PIB per capita na Alemanha não é o mesmo do português, portanto, o que um alemão pode pagar um português não pode. Todos os anos temos países de referência, que este ano são Espanha, França e Itália. A média constitui a base de negociação, mas tentamos baixar o preço por respeito ao cidadão e pela sustentabilidade do SNS. Por muito que eu queira tratar um doente de uma patologia, não posso adquirir um medicamento que possa prejudicar outros doentes, para os quais não teremos capacidade. Isto é um aspeto ético e eu acho que rapidamente se tem de discutir com a indústria quais os aspetos éticos que devem respeitar.

Quais são os principais desafios que antevê para o setor nos próximos anos?

Continua a ser a inovação. Foi-me dito numa reunião em Malta que havia 600 novas moléculas nos próximos cinco anos. As avaliações têm de ser ainda mais criteriosas e com rigor redobrado nas apreciações iniciais, e o preço tem de ser regulado, com a devida transparência por parte das empresas.

Portugal tem condições para se tornar um centro de investigação e desenvolvimento de novas tecnologias?

Sim, neste momento temos instituições de investigação como o IMM e o I3 E, com mais de metade de investigadores internacionais e que têm know how e competência que lhes permite publicar em revistas de elevado fator de impacto. Falta ainda tempo alocado à investigação por parte dos profissionais dos hospitais e centros de saúde.

Muita tinta gasta é hoje possível afirmar com segurança que a Senhora Professora não vai passar a contar na ementa diária com francesinhas. Ainda assim, fica uma dúvida: vê a possibilidade de algum departamento do INFARMED ser "descentralizado? Em que circunstâncias?

Não propriamente. A agência de inovação foi criada através da resolução de conselho de ministros e agora temos de esperar pelos estatutos. A sede será no Porto e o Infarmed será um dos seus principais financiadores/coordenadores. Será uma área do Infarmed que estará no Porto. Talvez não faça sentido migrar outras áreas, mas criar áreas de ação local, recrutando profissionais localmente.

| Fórum

Os desafios do setor farmacêutico, em tempos de crise dos sistemas de saúde

O Jornal Económico ouviu as opiniões de alguns gestores de topo da Indústria Farmacêutica a operar em Portugal sobre os grandes desafios que o setor enfrenta no médio prazo. Avaliação de novas tecnologias, preço e sustentabilidade do sistema de saúde conjugam-se, numa equação em que a desresponsabilização da gestão é aceite, pela suborçamentação crónica a que tem sido sujeita.







Carlo Pasetto Diretor geral da AbbVie Portugal

Desafios da indústria farmacêutica face a:

Regulação - O grande desafio é o tempo de acesso ao mercado, bastante superior à média da União Europeia. A indústria farmacêutica continua a ter grandes dificuldades na discussão dos processos em tempo útil, com o consequente atraso no acesso à inovação por parte dos doentes. Esperamos que os recentes esforços que Governo e Infarmed têm realizado na agilização da aprovação e reembolso de medicamentos seja um sinal de que o cenário mude para a finalização dos processos de aprovação de forma mais rápida e efetiva.

Preço - Apesar do que muitas vezes se pensa, o preço dos medicamentos em Portugal é um dos mais baixos da Europa Ocidental. Além disso, muitas medidas de contenção de custos que têm um enorme impacto no preço final, são um grande desafio.

Sustentabilidade - A AbbVie tem um forte compromisso na sustentabilidade e procura trabalhar com os parceiros para encontrar soluções comuns e que sejam apropriadas para todos. Prova disso é a discussão anual que promovemos na conferência AbbVie TSF DN em prol do debate sobre a sustentabilidade em saúde e o recente acordo para a comercialização de medicamentos pangenotípicos para tratamento da infeção pelo vírus da hepatite C e que trará uma enorme contribuição para a eliminação desta doença até 2030. Como grande desafio identificamos a dívida hospitalar, pois coloca em causa a sustentabilidade da indústria farmacêutica e a sua capacidade de investimento, com um impacto negativo no SNS.

I Fórum

Proteção de Dados - Para a AbbVie os dados pessoais são um bem alienável e a sua proteção merece a nossa maior atenção. A nova legislação acarreta novos desafios no que diz respeito ao tratamento de dados de profissionais de saúde. Porém, na AbbVie, a adaptação à nova legislação foi feita há bastante tempo e estamos devidamente preparados para os reptos próprios desta diretiva europeia.



Alicia Folgueira
Diretora geral Alnylam

operar no mercado português, através de uma estratégia ibérica, a Alnylam enfrenta os mesmos desafios que os restantes players do setor. A Alnylam é uma companhia focada na investigação científica, para onde canalizamos grande parte do nosso investimento, por isso, a inovação terapêutica, é algo que diz muito à companhia, fazendo parte do seu ADN. O desenvolvimento de um fármaco é um processo bastante complexo, que tem início com a pesquisa de uma nova molécula, passando por todas as fases de ensaios clínicos, e que só termina com a avaliação necessária por parte das autoridades competentes para que possa ser utilizado na prática clínica. Num processo tão complexo, o controlo rigoroso é fundamental para garantir que um medicamento tem qualidade, é eficaz e seguro para o doente. Deste ponto de vista, a regulação assume extrema importância e requer o envolvimento de todos os agentes - não só das autoridades

Enquanto companhia independente e a

da saúde como da própria indústria farmacêutica. O que é necessário garantir é um equilíbrio entre a regulação e a acessibilidade, para que as etapas de regulação não sejam impeditivas da celeridade dos processos, permitam a inovação e o acesso dos doentes a terapêuticas cada vez mais inovadoras. O valor do medicamento tem também de ter em conta este processo complexo e altamente científico e tecnológico pelo qual passa, não podendo ser reduzido ao momento em que é colocado no mercado. A determinação equilibrada e sensata do preço dos medicamentos é vital para a sustentabilidade, eficiência e equidade da Saúde. Só com valores competitivos e justos é possível garantir ganhos a todos os níveis – a indústria farmacêutica mantém a sua capacidade de investir na pesquisa e desenvolvimento de novas moléculas; os cidadãos garantem o acesso à inovação terapêutica e a fármacos que promissores; o SNS torna-se mais sustentável a longo prazo. Para que isto se efetive, é importante que se encare o pipeline da indústria farmacêutica não como uma despesa, mas como um investimento que permite acrescentar valor ao doente, ao Servico Nacional de Saúde e à sociedade como um todo.



Filipe Novais
Diretor geral Astellas Farma, Lda.

A sustentabilidade dos sistemas de saúde passa atualmente por um processo adaptativo, que deve ter em conta não só as profundas alterações demográficas atuais, com especial enfoque para o envelhecimento populacional, mas também o acesso a novas práticas, procedimentos e tecnologias, para a obtenção de melhores resultados em saúde. A forma como estes resultados em saúde devem ser medidos, é uma questão muito importante, tendo em conta o crescimento significativo da oferta de cuidados de saúde e o crescente nível de exigência por parte dos utilizadores desses mesmos cuidados. Na geração desta evidência é fundamental que os sistemas de informação se centrem no doente, que haja um desenvolvimento de capacidades analíticas e epidemiológicas de quem trabalha estes dados. A interligação entre sistemas de informação é fundamental para que se possa acompanhar todas as etapas do tratamento do doente: consultas nos cuidados primários, nas diferentes especialidades, nos meios complementares de diagnóstico, tratamentos, etc. Simultaneamente, a privacidade e o anonimato têm de ser assegurados. Através do desenvolvimento de medicamentos e de outras tecnologias de Saúde, a Indústria Farmacêutica assume um papel estratégico fundamental para o acesso da população a melhores cuidados de saúde e, simul¬taneamente, contribui de forma decisiva para o desen-volvimento científico e para a valorização da economia nacional.

AST/2018/0016/PT



Fernando VitorinoDiretor geral da Boiron Portugal

A homeopatia existe a cerca de 200 anos, é praticada por alguns 400 000 profissionais de saúde para tratar mais de 300 milhões de pacientes.

A homeopatia nasceu das investigações do Doutor Hahneman. Nessa época, para fazer a transição com a nossa realidade portuguesa, Hahneman obtém o diploma Honoris Causa pela faculdade de Medicina de Coimbra pelos seus trabalhos sobre Homeopatia, definida como "nova medicina"...

Desde esses tempos até hoje homeopatia

conheceu pacientes emblemáticos como o Duque de Saldanha e outros sempre mais numerosos: 25% da população portuguesa contemporânea já terá usado algum medicamento homeopático.

Em 2013 nasce a lei 71/2013, com o objetivo de regulamentar o acesso às profissões no âmbito das terapêuticas não convencionais, incluindo homeopatia. Foi criado um conselho consultivo com representantes das várias áreas profissionais, representantes dos Ministérios da Saúde e Educação, bem como representantes das ordens dos

médicos e farmacêuticos.

A Homeopatia promovida pelo CEDH (Centro de Ensino e Desenvolvimento em Homeopatia) e a Boiron, estabelece que a medicina é uma só, dentro dela existem várias terapêuticas entre elas complementares. Homeopatia é praticada em França por formados em ciências da saúde, médicos e farmacêuticos. Em Portugal, trata-se de saber se além dos atuais profissionais formados em medicina (cuja grande maioria aprenderam terapêutica dita convencional), outros profissionais podem exercer medicina e indicar medicamentos, praticando terapêuticas ditas não convencionais ou se os profissionais atuais de saúde podem integrar a homeopatia na sua pratica quotidiana. O CEDH, em parceria com faculdades de farmácia, já promove pós graduações reservadas a Médicos, Farmacêuticos e Veterinários em Portugal. A prioridade da Boiron será fabricar com segurança o melhor medicamento autorizado pelas suas autoridades competentes, para profissionais legalmente estabelecidos.

Existe de facto uma forte tendência do público, cada vez mais educado e sensibilizado a noção de contra indicações e efeitos secundários, a recorrer a homeopatia como primeira intenção do tratamento dos mais pequenos ou pacientes sensíveis.

A Boiron se esforça desde 2010 a demonstrar que a Homeopatia e os seus medicamentos são uma oportunidade para trazer melhor saúde porem qualidade de vida os portugueses.



Silvia Guichardo Diretora geral da GSK Portugal

Quais os principais desafios que a indústria farmacêutica enfrenta actualmente ao nível da regulação, preco e sustentabilidade?

Os desafios atuais no setor farmacêutico estão intimamente relacionados com a questão da inovação terapêutica e a sustentabilidade do próprio sistema de saúde. A ciência tem evoluído a uma velocidade impressionante, graças a um investimento considerável da indústria na pesquisa e desenvolvimento de novas soluções terapêuticas para necessidades médicas ainda não preenchidas. Este esforço tem resultado em inovações farmacêuticas que beneficiam a vida de milhões de doentes em todo o mundo, com um impacto muito positivo na saúde pública das diferentes comunidades. Não obstante o impacto positivo em termos sociais, a inovação terapêutica acarreta, também, desafios consideráveis em termos económicos e financeiros. Desta forma, para garantir a sustentabilidade do sistema numa perspetiva de longo prazo, é fundamental que exista uma maior cooperação e compromisso entre todos os atores. Para isso, alguns passos podem ser

dados, como o desenvolvimento de novos modelos experimentais ou a criação de sinergias entre a Indústria e as autoridades, com a criação de vias de comunicação efetivas, mesmo na fase de desenvolvimento dos novos fármacos. De facto, estamos perante novos tempos, em que a ciência está a produzir descobertas inovadoras que podem, verdadeiramente, contribuir para que as pessoas possam fazer mais, sentirem-se melhor e viverem mais tempo. Assim, para garantir que a ciência e os resultados do seu trabalho estão, verdadeiramente. ao serviço e ao dispor de quem mais deles necessita – os doentes – urge desenvolver novos modelos colaborativos, entre a Indústria e as autoridades, para que se consiga garantir um acesso mais rápido e efetivo dos doentes às novas soluções terapêuticas, sem comprometer a sustentabilidade do sistema no seu todo.

Qual o impacto do novo Regulamento Geral da Protecção de Dados (RGPD) na actividade de uma companhia farmacêutica (ensaios clínicos, estudos prospectivos, observacionais, etc...)?

O novo Regulamento Geral da Proteção de Dados (RGDP) tem, na sua essência, uma preocupação absolutamente legítima e louvável: proteger os cidadãos e garantir um correto tratamento e utilização dos seus dados pessoais. Naturalmente que esta evolução, tendo em conta a exigência e a amplitude do novo quadro legislativo, implica um enorme esforço de adaptação por parte das empresas.

Este esforço, mais do que apenas jurídico ou tecnológico, é de Governance e Complicance. As companhias têm que se adaptar culturalmente a esta nova realidade e ter recursos, materiais e imateriais, para implementarem as medidas previstas.

O setor farmacêutico já está habituado a níveis elevadíssimos e extremamente exigentes de regulação e escrutínio dos tratamento de dados, nomeadamente, de farmacovigilância, investigação científica e ensaios clínicos, principalmente, pela quantidade e qualidade do tipo de dados

Fórum

com que é obrigado a lidar diariamente. Assim, nesta fase, o fator crítico de sucesso passa por ter uma visão holística e integrada da política de proteção de dados, incorporando esta realidade na cultura corporativa de cada empresa.



Luís Rocha
Diretor de assuntos institucionais e acesso
ao medicamento da Novartis Portugal

No plano internacional, a nossas equipas de investigação e desenvolvimento vivem momentos de otimismo; a sua produtividade está a atingir o ponto mais elevado em décadas. Os próximos anos vão trazer soluções para doentes ainda com reduzida ou insatisfatória cobertura terapêutica; nas doenças do sistema imunitário, oncologia, doenças raras. Ao mesmo tempo, assistimos a forte processo de mudança, por via da introdução das novas tecnologias na investigação e desenvolvimento, na investigação clinica e na prestação de cuidados de saúde. No futuro próximo teremos medicamentos desenhados para doentes e grupos de doentes específicos, frequentemente associados a meios diagnósticos e a dispositivos médicos que ajudarão o médico a melhor acompanhar o seu doente.

No plano nacional podemos dizer que se faz cada vez mais e melhor ciência, por aposta na agregação e internacionalização dos centros de investigação e novos modelos de colaboração com as empresas. Também a investigação clinica tem merecido atenção das autoridades e instituições de saúde, tendo em vista a maximização do seu potencial; 5 vezes superior ao atual. Esse objetivo permitirá

a atração de investimento, mais acesso dos doentes à inovação terapêutica, mais formação dos profissionais de saúde. E a aposta Portuguesa nas tecnologias da saúde seguramente poderá gerar um efeito amplificador no desenvolvimento do cluster da saúde, sector assumidamente estratégico para o país.

Os desafios? Será necessário inverter a redução do investimento público na saúde e no sector do medicamento, fortemente afetado nos últimos anos e que hoje atinge um dos valores mais baixos da zona Euro. Será necessário encontrar formas expeditas (inferiores a um ano) de avaliar com rigor que medicamentos inovadores financiar, recuperando o atraso no acesso por parte dos doentes portugueses. Será necessário resolver de uma vez por todas o modelo de financiamento do medicamento hospitalar que, por manifestamente insuficiente, obriga as instituições de saúde ao eterno ciclo do endividamento. A exemplo de outros países europeus, será necessário encontrar formas de partilha (anonimizada e protocolada) de informação clínica (registos, big data) para efeitos de investigação, acompanhamento e avaliação do resultado clinico das intervenções terapêuticas.

Em suma: uma regulação estável, investimento em inovação, partilha e avaliação de resultados.



Olga Insua Diretora geral da Novo Nordisk Portugal

A indústria farmacêutica está a contribuir decisivamente para a alteração do paradigma, dos cuidados de saúde aos doentes. Como a inovação terapêutica está a evoluir mais rápido que os

sistemas de saúde europeus, a indústria farmacêutica terá de ajudar os diferentes stakeholders a encontrar formas de mudança que permitam implementar esta inovação com todos os benefícios clínicos associados sem pôr em causa a sustentabilidade dos sistemas de saúde. Neste sentido, a indústria tem um papel fundamental na promoção de novos modelos de financiamento de cuidados inovadores e no suporte à resolução e prevenção das novas pandemias do século XIX (obesidade, diabetes). Também a sociedade está a mudar rapidamente. A proteção dos dados pessoais têm cada vez mais relevância em sociedades onde esta informação circula de forma mais rápida e ágil. A indústria farmacêutica está também preparada para manter a sua atividade comercial e de apoio à investigação no estrito cumprimento dos direitos legais de todas as pessoas. Estamos a trabalhar na mudança, continuando a inovar!



Filipa Mota e Costa Diretora geral da Janssen Cilag

Desafios. Sempre que me questionam sobre desafios, seja de que ordem for, gosto sempre de os encarar através de um único ponto de vista: Oportunidades; de "dar a volta", de pensar, de aprender a fazer melhor, de crescer, de inovar para mais e melhor Saúde. É assim que trabalhamos na Janssen, companhia farmacêutica do grupo Johnson & Johnson.

As palavras sobre as quais me pediram para discorrer - regulação, preço, sustentabilidade ou proteção de dados - são incontornáveis no âmbito da indústria farmacêutica. Trabalhamos para

os doentes, que um dia pode ser qualquer um de nós, e o nosso foco está no valor: para os doentes, para os sistemas, para as economias. O 'clássico' exemplo das vacinas é sempre referido, e bem, porque evitam, de facto, a morte de vários milhões de pessoas todos os anos. É fácil perceber o valor. Quando pensamos na área dos cancros hematológicos, passámos de taxas de sobrevivência a 5 anos inferiores a 10% nos anos 50 de um modo geral, para taxas de 70 a 80% em doenças como a Leucemia Linfocítica Crónica ou o Linfoma de Hodgkin. Isto é valor. É este o nosso desafio, ou a nossa oportunidade: contribuir com medicamentos inovadores e transformacionais, ou seja, que aportem valor. Atualmente, encontramos evidência crescente dos benefícios deste tipo de medicamentos para as vidas dos doentes e respetivos sistemas de saúde: quedas consideráveis de taxas de hospitalização, tratamentos menos agressivos e com mais resultados para o doente, ou, o que todos perseguimos, a cura. Para que esta evolução seja sustentável, o sistema de saúde tem de evoluir para um modelo que privilegie também os resultados obtidos. Este é um desafio para o actual sistema de saúde, mas é também a oportunidade para fazer mais e melhor, juntamente com todas as partes interessadas. E o mesmo se aplica a matérias de transparência neste setor. O Regulamento Geral sobre a Proteção de Dados vem estabelecer um quadro de proteção de dados mais sólido e eficaz na área da saúde, respondendo aos desafios desta era digital. Este regulamento confere ainda uma maior segurança e transparência ao tratamento dos dados pessoais e fomenta uma cultura de compliance dentro das organizações, já muito enraizada nas companhias farmacêuticas, e na qual a Janssen não é exceção.

Na Janssen, enquanto companhia farmacêutica do grupo Johnson & Johnson, estamos empenhados em trazer valor para a Saúde do nosso país e temos vindo a colaborar com diversos parceiros para, em conjunto, fazer mais e melhor. Porque ter saúde faz toda a diferença.



António Portela CEO da BIAL

A indústria farmacêutica em Portugal atravessou a primeira da década do século XXI com muito fortes restrições que envolveram cortes de preços de 30% e imposições administrativas que deterioraram o ambiente económico, levando a perdas de postos de trabalho, redução de investimentos, iberização das plataformas logísticas e redução do investimento global em I&D. Os investimentos públicos na política do medicamento são dos mais baixos da OCDE, sendo aliás cerca de 50% do valor médio de investimento da União Europeia, enquanto os precos médios dos medicamentos são dos mais baixos da Europa e o esforço privado na sua aquisição é dos mais altos. Enquanto os investimentos em I&D não chegam a 100M€/ano, no conjunto da União Europeia são mais de 30MM€ (não atingimos sequer 0,3% do investimento anual). Apesar disso, o esforço das companhias na internacionalização tem tido resultados positivos, assistindo-se neste período a uma triplicação das exportações, para cerca de 1,5MM€, enquanto do lado da investigação científica o esforço persistente de 20 anos começa a dar frutos, visíveis tanto na consolidação de excelentes centros de I&D, na existência de bons profissionais em várias áreas do conhecimento, e no desenvolvimento de projetos de investigação de nível internacional. s opções públicas mais recentes estancaram as orientações muito restritivas, mas estão ainda longe de valorizar no plano económico os bons investigadores que temos, os bons

resultados em saúde que construímos, as boas empresas que desenvolvemos. E é isso que importa. Que a saúde é muito mais que um custo é uma verdade repetida, mas pouco praticada. Importa ter claro que do esforco público e privado se pode dar resposta aos doentes e à melhoria da qualidade de vida. Que se pode gerar novos empregos, qualificados, novos investimentos, mais exportações, mais rendimento para o país, para as empresas e para os trabalhadores. Importa realcar que um compromisso entre o Estado e a sociedade pode significar um grande salto de qualidade para o país. Que políticas desenvolvimentistas ajustadas aos desafios podem gerar fortes retornos na captação de investimento estrangeiro, nomeadamente na área da investigação, na criação de maiores capacidades industriais e na forte expansão das exportações de modo que o défice comercial de mais de 1000M€ anuais desapareca em 5 anos. Importa apostar na valorização do valor acrescentado nacional gerado, na redução das barreiras às exportações, na promoção das alianças entre companhias internacionais e nacionais em matéria industrial, de co-desenvolvimento de projetos de I&D e de colaboração comercial. Importa apostar fortemente na captação de ensaios clínicos em Portugal, estimulando a criação de equipas dedicadas nos hospitais e promovendo a utilização de Portugal como plataforma privilegiada de ensaios pelas companhias internacionais. Importa ter políticas de preços adequadas, valorizadoras da inovação e do valor económico gerado, ajustando o enquadramento institucional de forma a promover o investimento em Portugal. Se as políticas públicas forem orientadas e persistentes, como o foram nas componentes da investigação básica, teremos por certo bons resultados, tanto na sustentabilidade estrita do SNS, como sobretudo no desenvolvimento económico e social do país e na garantia de empresas mais fortes para concorrer nos mercados globais. Importa, portanto, ter mais economia na

saúde e mais saúde na economia.





Filipe Novais
Diretor-Geral



Uma companhia focada no doente, nos resultados e na inovação

ascida da fusão em 2005, das empresas Yamanouchi e Fujisawa, a Astellas Pharma, é a segunda maior empresa farmacêutica no Japão, estando entre as 20 maiores a nível mundial, empregando mais de 17 mil pessoas.

Em Portugal, a companhia estabeleceu as suas operações em 1967, com a designação de Gist Brocades. Uma designação que seria alterada, em 1991 para Brocades Pharma, e em 1994 para Yamanouchi Pharma.

Atualmente conta com cerca de 50 colaboradores a que se junta um conjunto de consultores, que intervêm em projetos específicos levados a cabo pela companhia.

A Astellas é uma companhia global, focada no desenvolvimento de novos medicamentos que respondam a necessidades médicas ainda não satisfeitas. As operações globais da companhia estão estruturadas em três grandes áreas geográficas: Japão e Ásia; Europa, Médio Oriente e África; e Américas.

Em termos de vendas globais, a Astellas mantém um crescimento médio, superior à média do setor, uma performance acompanhada pela sua filial portuguesa,

www.astellas.com.pt

Astellas Farma, Lda

(+351) 214 401 300
portugal@astellas.com
Lagoas Park, Edifício 5
Torre C, Piso 6,
2740-245 Porto Salvo



mesmo com as dificuldades de acesso ao mercado – particularmente no que respeita à concessão de comparticipação – que marcam o panorama nacional.

O mercado português corresponde a cerca de 2% do mercado europeu.

A vitalidade de uma companhia Farmacêutica, depende da sua capacidade de investigar e desenvolver novos fármacos. A Astellas assume o compromisso de desenvolver medicamentos inovadores nas áreas terapêuticas a que se dedica, que vão de encontro às necessidades dos doentes, dos profissionais de saúde e dos sistemas de saúde no geral.

Atualmente o portefólio da Astellas, incide sobre as áreas de Oncologia, Urologia, Transplantação e Infeciologia. Fruto da Investigação e Desenvolvimento (I&D), a companhia vai entrar em novas áreas terapêuticas como a Medicina regenerativa, Oftalmologia, e Doenças músculo-esqueléticas, bem como continuar o lançamento de

medicamentos inovadores nas áreas de base.

A Astellas é uma companhia com um foco muito claro no doente, nos resultados e na inovação, seguindo uma conduta ética e responsável em toda a sua atuação.

Numa era dominada pela tecnologia, é muito importante continuar a promover a humanização da relação médico / doente e encontrar formas, de tirar o maior partido deste desenvolvimento tecnológico em prol da melhoria da medicina e dos cuidados de saúde.

Detentora de um vasto portefólio, comercializa e promove seis marcas que garantem o essencial da sua atividade de venda:

Oncologia – dois medicamentos para o tratamento do cancro da próstata.

Transplante – imunossupressores fundamentais na prevenção da rejeição de órgãos transplantados, sendo líder mundial nesta área.

Urologia – área que também lidera e onde se destaca um fármaco indicado no tratamento da bexiga hiperativa, condição muito subdiagnosticada que afeta dezenas milhares de mulheres, com um impacto muito negativo na sua qualidade de vida.

Como não podia deixar de ser, numa companhia farmacêutica global, a I&D de novos produtos ocupa uma parte muito importante dos recursos humanos e investimento da Astella s. Uma companhia como a Astellas só sobrevive e cresce se apostar fortemente na I&D. Uma vertente que também se realiza em Portugal, onde a empresa tem neste momento a decorrer, em diferentes hospitais do país, ensaios clínicos de fase 3. A realização, em Portugal, de ensaios clínicos, assume particular relevância, também, por ser uma área em que a concorrência internacional é muito forte, o que traduz uma melhoria muito significativa da realidade portuguesa em termos de processos e a qualidade dos profissionais de saúde envolvidos. Portugal dispõe hoje de profissionais muito bem qualificados, reconhecidos internacionalmente.

A Astellas está confiante de que será possível, nos próximos anos, aumentar o número de ensaios clínicos realizados em Portugal, com produtos de investigação da companhia.

Ainda em sede de I&D, destaca-se o muito promissor pipeline da Astellas, de onde se evidenciam três medicamentos em fase III (pré-marketing), que a empresa conta colocar no mercado dentro de dois anos. Um deles, indicado no tratamento da anemia em doença renal crónica, uma nova área em que a Astellas decidiu apostar. Trata-se de um medicamento inovador, uma nova classe terapêutica e que terá, seguramente, um grande impacto no tratamento destes doentes. Serão ainda lançados dois medicamentos oncológicos, um deles, indicado no tratamento do cancro gástrico, uma área em que os recursos terapêuticos atualmente disponíveis são muito escassos. Será também lançado um medicamento indicado no tratamento da leucemia mieloide um tipo de cancro particularmente agressivo.

AST/2018/0014/PT(1)



ÁREAS DE ESPECIALIZAÇÃO

- » Esclerose Múltipla
- » Atrofia Muscular Espinhal (SMA)
- » Biossimilares

ÁREAS TERAPÊUTICAS

- » Artrite Reumatóide
- Psoríase
- » Doença de Crohn

www.biogen.pt

Lishoa

- **n** (+351) 213 188 450
- ⊚ biogenportugal@biogen.com ⊚ Av. Duque de Ávila, 141 - 7.° andar

BIOGEN PORTUGAL

Sociedade Farmacêutica Unipessoal, Lda.

HISTÓRIA: QUEM SOMOS, MISSÃO/VALORES

A Biogen foi fundada em 1978, celebrando em 2018 o 40° aniversário. É atualmente a mais antiga empresa de biotecnologia independente do mundo.

Na história da sua fundação, a Biogen conta com dois Prémios Nobel: Walter Gilbert recebeu o Prémio Nobel da Química em 1980 e Phillip Sharp recebeu o Prémio Nobel de Medicina em 1993. A Biogen possui atualmente um portfólio líder de medicamentos para tratar a Esclerose Múltipla e está na vanguarda da investigação em novos medicamentos para doenças neurológicas e doenças raras. Através de Investigação & Desenvolvimento de topo, a Biogen utiliza Ciência inovadora e tecnologias de ponta para criar, produzir e comercializar terapêuticas transformacionais para doentes com opções de tratamento outrora limitadas.

Nos últimos anos, a Biogen tem vindo a dedicar-se à investigação em doenças desafiadoras e complexas em Neurologia, incluindo a Atrofia Muscular Espinhal (SMA - Spinal Muscular Atrophy), a doença de Alzheimer, a doença de Parkinson e a Esclerose Lateral Amiotrófica. O ritmo de descoberta e inovação nas Neurociências está a acelerar rapidamente, trazendo a promessa de avanços extraordinários para a Ciência e para os doentes. A Biogen tem um foco claramente definido: ter o maior impacto positivo nos doentes. Em todos os projetos da Biogen, o sucesso é sempre medido pela resposta a uma pergunta simples: a Biogen fez realmente a diferença na vida dos doentes?

ÁREAS DE ESPECIALIZAÇÃO

Esclerose Múltipla

Com mais de 30 anos dedicados à Esclerose Múltipla, a Biogen é líder na investigação, desenvolvimento e comercialização de terapêuticas para a Esclerose Múltipla,

apostando continuamente na inovação e na melhoria dos resultados para os doentes, incluindo o potencial reparo dos danos causados pela Esclerose Múltipla.

Atrofia Muscular Espinhal (SMA)

A Biogen está profundamente comprometida em ajudar a melhorar a vida das pessoas com SMA, trabalhando em estreita colaboração com as associações de doentes com SMA, com o objetivo de compreender e incorporar as perspetivas dos doentes e seus familiares nas decisões tomadas ao longo do desenvolvimento da terapêutica. Em 2017 foi aprovada pela Comissão Europeia a autorização de introdução no mercado do primeiro e único tratamento para a SMA, uma das principais causas genéticas de mortalidade infantil.

Biossimilares

A Biogen acredita que os medicamentos biossimilares são fundamentais para salvaguardar a inovação futura em saúde, ao mesmo tempo que desempenham um papel importante na garantia de sustentabilidade. A Biogen tem o conhecimento necessário para produzir e fornecer medicamentos biossimilares de forma segura, sendo estes produzidos no mesmo complexo de última geração em Hillerød, Dinamarca, onde os medicamentos originais da Biogen são produzidos. A Biogen e a Samsung Biologics colaboram através da Samsung Bioepis Co, Ltd., uma joint venture criada para o desenvolvimento, produção e comercialização de medicamentos biossimilares. Ao criar uma ponte entre a herança de inovação científica e a oportunidade de reduzir os custos com a saúde, aumentando o acesso a medicamentos biológicos, o desenvolvimento de biossimilares é uma forma de fazer a diferença na vida dos doentes com terapêuticas da Biogen em áreas terapêuticas como a Artrite Reumatóide, a Psoríase e a doença de Crohn.



Porque não existem doentes iguais









Gonçalo Faria
Diretor Financeiro –
Gilead Sciences Portugal

FATURAÇÃO GLOBAL

» 21.7 biliões de euros

COLABORADORES (GLOBAL)

» 9987

INSTITUIÇÕES APOIADAS (GLOBAL)

» 2000

DOACÕES

» 500 milhões de dólares

PROGRAMAS INTERNACIONAIS DE ACESSO A MEDICAMENTOS LEISHMANIOSE VISCERAL

» Oferta de 445 mil doses de medicamento destinadas a 50000 pessoas

AÇÕES EM PORTUGAL

» Em 5 anos o Programa Gilead Génese já apoiou projetos de investigação e de intervenção comunitária em mais de 1.3 milhões de euros.

www.gilead.com

Gilead Sciences, Lda.

(+351) 217 928 790
(+351) 217 928 799
Arrium Saldanha Praça Duque de Saldanha, n°1 – 8°A e B



Em busca de soluções que permitam potenciar as mais-valias da inovação

undada em Foster City, na Califórnia, em junho de 1987, a Gilead Sciences transformouse, num período de 30 anos, numa companhia biofarmacêutica global, que emprega cerca de 10000 pessoas em todo o mundo e que tem um portfólio de produtos em rápida expansão, com uma forte vertente de investigação, assegurando a distribuição dos seus medicamentos para o resto do mundo através de parcerias e acordos de licenciamento com outras empresas e distribuidores.

A Gilead registou uma faturação global de 21.7 biliões de euros em 2017 e tem centrado a sua estratégia na investigação, desenvolvimento e comercialização de medicamentos inovadores direcionados para áreas em que ainda existem necessidades médicas não preenchidas, procurando sempre inovar, disponibi-

lizando medicamentos cujo impacto se traduza quer em resultados tangíveis em saúde, quer na melhoria da qualidade de vida dos doentes.

As duas moléculas "de estreia" ficaram na memória coletiva, pelo impacto que tiveram em termos de saúde pública. Um medicamento eficaz no tratamento da Gripe A, comercializado sob licença por outra multinacional farmacêutica e um outro, indicado no tratamento da



infeção oportunista mais frequente em doentes acometidos pela Síndrome de Imunodeficiência Adquirida (SIDA), a retinopatia por citomegalovírus, tendo sido este o primeiro medicamento da Gilead Sciences a obter autorização de comercialização nos EUA, em 1996, um ano que marcou uma alteração de paradigma no tratamento da infeção por VIH/SIDA, até aí tratada com medicamentos de forma sequencial e não em combinações de vários medicamentos visando diferentes alvos virais como passou a acontecer a partir daí, com a generalização da highly active antiretroviral therapy (HAART), que passou a ser o padrão de tratamento em todo o mundo.

A área das hepatites virais, B e C, assumem igualmente um lugar de destaque na lista de sucessos da Gilead. A mais empolgante terá sido a descoberta de um medicamento capaz de proporcionar a cura para a hepatite C.

Em Portugal, com medicamentos disponibilizados pela Gilead e por outras empresas farmacêuticas, dos mais de 19 mil tratamentos já aprovados, foi possível curar 10 mil doentes, que de outra forma iriam na maior parte dos casos evoluir para cirrose hepática e cancro hepático, na maioria dos casos com maus prognósticos.

A Gilead integra no seu ADN a participação ativa e empenhada na busca de soluções que permitam potenciar as maisvalias da inovação que introduz no mercado. É o que acontece no apoio que tem prestado a instituições científicas e a associações de doentes para a definição de estratégias que permitam cumprir objetivos de saúde pública propostos pela Organi-

zação Mundial de Saúde (OMS), como a erradicação da hepatite C até 2030 e da infeção pelo VIH, até 2020, plasmada no objetivo 90x90x90 que traduz a meta de nesse ano, 90 por cento da população infetada conheça a sua situação, que destes, 90% estejam a fazer tratamento HAART e que destes, 90% não apresentem viremia, interrompendo deste modo o ciclo da transmissão.

De salientar, também os contributos que tem prestado ao debate sobre a adoção de programas enquadradores de Fast Track Cities, cidades onde a mobilização para o diagnóstico e tratamento permitem alcançar, mais rapidamente e de forma mais abrangente, os objetivos de eliminação da infeção por VIH.

Também na área da oncologia, a Gilead Sciences dispõe no seu pipeline de um conjunto de linhas de investigação muito promissoras, em diferentes estádios de desenvolvimento.

Na Gilead Sciences o sucesso das descobertas é medido por diferentes métricas, três delas, fundamentais. A da dimensão do que se desenvolveu; do quanto a inovação vem alterar, para melhor, o que existia até aí, independentemente da área terapêutica em que se integra a inovação.

Outra medida é a do sucesso valorizado pela Gilead. Esta medida consiste em saber se o medicamento inovador chegou efetivamente a quem dele necessita, independentemente da sua situação económica. Finalmente, enquanto empresa que investiga e desenvolve novos produtos, o sucesso comercial dos produtos Gilead é muito relevante. Boa parte dos lucros obtidos é reinvestida em novos projetos de investigação.



Sofia Brazão Diretora de Recursos Humanos – Gilead Sciences Portugal

A nível global, a Gilead doa anualmente cerca de 500 milhões de dólares para mais de 2000 instituições, tendo sido considerada mesmo, pela revista Fortune, em 2015. na The Chronicle of Philanthropy a 1a entre 150 empresas ao nível das doacões caritativas. A nível nacional a Gilead tem como iniciativa de relevo o Programa Gilead GÉNESE, que celebra agora 5 anos e que iá contribuiu com mais 1.3 milhões de euros de incentivo a projetos de iniciativa comunitária e de investigação, em áreas como o VIH, hepatites virais crónicas e hematooncologia.

Outra parceria é o prémio de Biotecnologia em conjunto com a FFUL, é atribuído como prémio ao melhor trabalho de grupo nesta disciplina, quem ganha tem a possibilidade de passar uma semana nas instalações da Gilead em Portugal tendo acesso a um resumo de atividades de todas as suas áreas e uma viagem à fábrica em Cork. Na Gilead existem várias ações de voluntariado e no Natal, por exemplo, oferecem-se bens a populações mais carenciadas.

Foram implementadas desde 2013 estratégias de sustentabilidade energética e sensibilização ambiental. De um ponto de vista de bem-estar dos nossos colaboradores, facilitámos a frequência de aulas de yoga nas nossas instalações e a possibilidade de trabalho remoto sempre que possível/ necessário.

A Gilead foi a primeira empresa da indústria farmacêutica, a nível mundial a fazer parte do pool de patentes, para garantir o acesso às terapêuticas adequadas nos países com maior incidência epidemiológica das doenças para as quais desenvolve tratamento, nomeadamente hepatites e infecões por VIH. A Gilead foi também responsável pelo desenvolvimento da molécula que curou a criança e a enfermeira infetadas com o vírus do Ébola e doou 445 mil ampolas de um dos seus medicamentos para tratamento de 50000 pacientes com leishmaniose visceral, doença que afeta quem trabalha em campos agrícolas e que, se não tratada pode ser potencialmente mortal.

Há 30 anos que a Gilead investiga e desenvolve medicamentos inovadores em áreas de importante necessidade médica como a infeção pelo VIH/SIDA, Hepatites Virais Crónicas, Infeções Fúngicas Sistémicas, Doenças Respiratórias e Cardiovasculares e na área da Hemato-Oncologia. Trabalhamos diariamente para melhorar a esperança e a qualidade de vida dos doentes afetados por estas patologias.

Em todas as nossas atividades, privilegiamos a responsabilidade social, desenvolvemos e apolamos projetos de investigação, programas educativos e fóruns de discussão centrados na prevenção, na educação para a saúde, no diagnóstico, no tratamento e nas políticas de saúde. Na Gilead, acreditamos que os medicamentos que desenvolvemos devem estar ao alcance de todas as pessoas que deles necessitam.



Gilead Sciences, Lda.
Alrium Saldariha, Praça Duque de Saldariha,
n.º 1 - 8.º A e B, 1050-094 Lisboa - Portugal
Tel.: 21 792 87 90 | Fax. 21 792 87 99
Nº de contribuiris: 503 900 1740.
Informação médica através de N.º Verde (800 207 489)
ou departamento. medico-digilead como.
Deta de preparação: março 2018



U NOVARTIS

Descobrir novas formas de melhorar e prolongar a vida



Cristina Campos
Presidente do Grupo Novartis, Portugal

ivemos na era de ouro da inovação médica. Investigadores estão a desenvolver tratamentos disruptivos como a reprogramação do sistema imunológico para combater o cancro ou corrigir defeitos genéticos que causam determinadas doenças. A revolução digital está a potenciar o desenvolvimento de novos medicamentos e a acrescentar novas dimensões à saúde. As nossas contribuições para a ciência médica constituem uma nova esperança para combater

doenças não domadas, apoiar melhorias dramáticas na saúde global e sustentar o progresso humano.

Para retirarmos o máximo potencial da inovação médica num momento em que as expectativas da sociedade sobre os cuidados de saúde estão em mudança, a Novartis está a reimaginar a medicina. Estamos a repensar a forma como inovamos, como damos resposta às necessidades dos doentes e da sociedade e como conduzimos as nossas atividade e negócio.

A nossa visão é ser um líder de confiança ao mudar a prática da medicina.

www.novartis.pt

Grupo Novartis Portugal

Avenida Professor Doutor
 Cavaco Silva, n.º 10E, Taguspark,
 2740-255 Porto Salvo

Novartis Farma – Produtos Farmacêuticos, S.A.

Sandoz

1 (+351) 211 964 000

Alcor

(+351) 214 400 300

MISSÃO

A Novartis é uma companhia farmacêutica sedeada em Basileia, na Suíça. Em Portugal, está sedeada no Taguspark, em Oeiras.

Os nossos produtos chegam a quase mil milhões de pessoas em todo o mundo.

A missão da Novartis é descobrir novas formas de melhorar e prolongar a vida. Usamos a inovação de base científica para endereçar alguns dos problemas de saúde mais desafiadores da sociedade. Investigamos e desenvolvemos tratamentos inovadores e procuramos novas formas de os fazer chegar a tantas pessoas quanto possível.

O nosso motor de inovação sustenta um pipeline líder da indústria

No ano passado, a Novartis investiu 7,2 mil milhões de euros em I&D, tendo mais de 200 projetos em fase de desenvolvimento clínico e cerca de 23 mil pessoas a trabalhar na área de I&D em todo o mundo. Em 2017, as autoridades reguladoras da União Europeia, Estados Unidos e Japão aprovaram 16 novos medicamentos made in Novartis.

Em Portugal, a Novartis tem 174 centros de investigação, onde trabalham 60 colaboradores que estão envolvidos em atividades de I&D. Só nesta área, a Novartis

A NOSSA ESTRUTURA

A Novartis concentra-se em medicamentos inovadores genéricos e produtos oftalmológicos - segmentos onde temos alcance global e fortes relações com os nossos clientes. A investigação e desenvolvimento (I&D) está no centro da nossa estratégia. A nossa organização global para o fabrico, serviços empresariais e outras funções ajudam a aumentar a eficiência e promover a excelência no Grupo.

MEDICAMENTOS INOVADORES

Novartis Pharmaceuticals

Medicamentos nas áreas: cardiovascular, respiratória, neurociências, oftalmologia, imunologia e dermatologia.

Novartis Oncology

Medicamentos para uma variedade de cancros e doenças raras.

OUTRAS DIVISÕES

Sandoz

A Sandoz disponibiliza genéricos e biossimilares acessíveis e de elevada qualidade.

Δlcon

A Alcon disponibiliza uma das seleções de dispositivos oftalmológicos mais amplas do mundo- desde equipamentos sofisticados para cirurgias oculares delicadas até a um amplo portefólio de lentes de contacto.

ORGANIZAÇÕES FUNCIONAIS COM UM ALCANCE GLOBAL

Novartis Institutes for BioMedical Research (NIBR) está focado na descoberta de novos medicamentos que podem mudar a prática da medicina.

Global Drug Development (GDD) orienta o desenvolvimento de novos medicamentos. Novartis Operations inclui Novartis Technical Operations (NTO), a nossa unidade global de produção, e Novartis Business Services (NBS), a nossa unidade de serviços interna.

investiu mais de 5 milhões de euros em 2017. Neste momento, estão em curso 48 ensaios clínicos realizados em Portugal, envolvendo 534 doentes – contudo, no total, a Novartis já realizou no nosso país mais de 95 ensaios clínicos que mobilizaram mais de 26 mil doentes.

A nossa implantação em Portugal

A contribuição da Novartis para o PIB português, resultante de atividades de I&D, ascendeu, em 2016, a 3,8 milhões de euros. Se a análise se estender às restantes áreas da empresa, a contribuição da Novartis para a riqueza criada em Portugal

cifrou-se nos 81 milhões de euros em 2016 (51 milhões de contribuição direta).

As nossas pessoas

A Novartis tem um ambiente de trabalho enriquecido pela multiculturalidade, diversidade de estilos de pensamento e de percursos académicos e de desenvolvimento das nossas pessoas, que contribuem para fomentar a inovação. Acreditamos que uma cultura que promove a diversidade contribui para o sucesso da companhia a longo prazo.

Em todo o mundo, a Novartis conta com mais de 123 mil colaboradores de 144 nacionalidades diferentes. Em Portugal, a equipa conta com 387 pessoas mas, somando a este número os empregos indiretos que são impulsionados pela atividade da empresa, o total ascende a 1246 trabalhadores. A maioria destes profissionais são altamente qualificados (cerca de dois terços possuem um curso superior).

RESPONSABILIDADE SOCIAL INICIATIVAS LOCAIS

O nosso contributo para

a comunidade onde estamos inseridos.

Milhares de colaboradores da Novartis em todo o mundo participam todos os anos no Dia da Comunidade, envolvendo-se em atividades voluntárias para benefício das pessoas nas comunidades locais. Este dia foi estabelecido para comemorar a criação da Novartis em 1996 e desde essa data que a Novartis proporciona aos seus colaboradores uma oportunidade para darem o seu tempo à comunidade onde estão inseridos.

O nosso compromisso: melhorar a saúde através de uma conduta responsável

O nosso objetivo é melhorar a saúde global. Através das nossas atividades prestamos um importante contributo à sociedade: descobrimos e desenvolvemos medicamentos inovadores. A Novartis colabora com terceiros para colaborar na resposta a alguns dos maiores desafios do mundo em termos de saúde. Focamos o nosso trabalho de responsabilidade empresarial em duas áreas que realçam a nossa missão: expandir o acesso aos cuidados de saúde e atuar de forma responsável.

Expandir o acesso aos cuidados de saúde

Trabalhamos para controlar e erradicar doenças como a malária e a lepra, para sermos pioneiros em novas abordagens de negócio para chegarmos a doentes com necessidades por cumprir e descobrir novos medicamentos e soluções que contribuam para a melhoraria da saúde nos países em desenvolvimento. Em 2014, estes esforços atingiram mais de 72 milhões de pessoas.

A nossa cultura é definida por valores claros: Inovação, Qualidade, Colaboração, Desempenho, Coragem e Integridade





COUNTRY MANAGEMENT FORUM



Paulo Teixeira Country Manager



José Aleixo Dias Country Medical Director



António Nogueira Silva Finance Director



Catarina Marcelino
Health & Value
and Corporate Affairs Director



Elisa Bernardo HR-MOS Director



Sara Macedo Legal Director



César Jesus Sub- Cluster Lead Portugal and BeNeLux



Luis Birbuet Pfizer Essential Health Lead



Margarida Ferreira Oncology Lead



Oscar Ramirez Consumer Health Care Lead



Ricardo Durão Inflammation & Immunology Lead



Teresa Gesteiro Rare Diseases Lead

A PFIZER NO MUNDO

Presença em 125 Países Mais de 90,000 colaboradores 58 Fábricas 52.5 Mil Milhões de facturação em 2017 7.6 Mil Milhões em I&D

150 anos de voz ativa para um futuro melhor

Criada em 1849, com sede nos EUA, a Pfizer existe desde o primeiro momento para melhorar a saúde e o bem-estar de todos. Ao longo de mais de 150 anos, tem trabalhado para ser uma voz activa num futuro melhor. Actualmente, o grupo Pfizer está presente em mais de 125 países em todo o mundo, contando com cerca de 90.000 colaboradores e 58 fábricas.

A companhia está organizada em duas grandes unidades – a Pfizer Innovative Health, (dedicada aos medicamentos inovadores) e a Pfizer Essential Health (dedicada aos medicamentos estabelecidos e biossimilares).

A Pfizer Innovative Health está comprometida com a descoberta, desenvolvimento, fabrico e comercialização de medicamentos e vacinas inovadoras que alteram o impacto do resultado de doenças crónicas e doenças devastadoras em todo o mundo. O portfólio existente ajuda as pessoas em todas as fases da vida - da prevenção ao tratamento e ao bem-estar, porque o doente vem sempre primeiro. Inclui seis unidades focadas em diferentes áreas terapêuticas: Inflamação & Imunologia, Oncologia, Doenças Raras, Medicina Interna (Cardiovascular, Cessação Tabágica e Dor), Vacinas e Consumer Healthcare (medicamentos de venda livre e suplementos alimentares).

Por sua vez, a Pfizer Essential Health abrange actualmente um conjunto de 107 medicamentos, com uma forte posição no mercado de injectáveis estéreis, de anti-infecciosos e uma importante aposta nos biossimilares.

A Investigação e Desenvolvimento são a chave para se atingir o objectivo da Pfizer, traduzindo tecnologia e ciência avançadas em terapêuticas importantes para as necessidades dos doentes.

Em 2018, a Pfizer apresenta um pipeline robusto, com 96 projectos de investigação, entre os quais 49 novas entidades molecu-

lares, 39 novas indicações e 8 biossimilares, em diferentes áreas terapêuticas, com especial enfoque nas áreas de Doenças Metabólicas e Risco Cardiovascular, Inflamação e Imunologia, Oncologia, Doenças Raras, Vacinas e Biossimilares.

Em Portugal desde 1955, a Pfizer posiciona-se como uma das cinco maiores empresas do sector farmacêutico. A estratégia para os próximos anos assenta em três grandes objectivos: distinguir-se pela inovação e excelência, sendo um parceiro importante no diálogo sobre a saúde no nosso país; assegurar o acesso atempado aos medicamentos inovadores em Portugal, liderando as áreas terapêuticas onde atuamos; e finalmente garantir a retenção e a atracção dos melhores talentos, sendo reconhecidos como uma das melhores empresas para trabalhar no sector farmacêutico.

A companhia farmacêutica está empenhada em continuar a trazer medicamentos inovadores para o sistema de saúde, respondendo às reais necessidades dos doentes em Portugal. Para os próximos anos, na área de Oncologia, são esperados medicamentos para o tratamento do cancro da mama metástico, cancro do pulmão, cancro do rim e tratamento de leucemia. Na área de Inflamação & Imunologia, para o tratamento da artrite reumatóide moderada a grave, dermatite atópica ligeira a moderada, artrite psoriática e colite ulcerosa. É ainda aguardada a chegada ao mercado de um novo medicamento para a dor crónica, novos antibióticos para o combate às infecções hospitalares e ainda uma vacina para a prevenção da meningite tipo B em adolescentes e jovens adultos.

Actualmente, a Pfizer Portugal tem 10 ensaios clínicos em curso na área Doenças Raras, Oncologia, Biossimilares e Inflamação estando ainda planeados mais 18 novos ensaios clínicos. A realização de ensaios clínicos permite aos doentes uma melhor qualidade de cuidados de saúde e acesso a



novos medicamentos que ainda não estão comercializados. Por esse motivo, a Pfizer pretende continuar a promover a participação de investigadores e centros de investigação portugueses em projectos de I&D e captar mais investimento em investigação em Portugal, numa cooperação real para o desenvolvimento do país.

UMA CULTURA DE OWNERSHIP

A Pfizer introduziu em 2012 o conceito OWNIT!, para criar uma cultura em que os colaboradores são responsáveis pelas suas decisões, assumem riscos apropriados e cumprem os seus compromissos para impactar positivamente o negócio. Trabalhar na Pfizer é fazer parte de um projecto que procura ir além dos limites da ciência para criar algo com impacto profundo na vida de milhões de pessoas e, simultaneamente, ter a oportunidade de evoluir profissional e pessoalmente. Na Pfizer, é valorizado e recompensado o mérito profissional e pessoal de cada colaborador. Existe um papel

activo no desenvolvimento dos colaboradores, para que cada um atinja as suas metas, através de planos de desenvolvimento personalizados, programas de mentoring, rotatividade experimental de curto e médio prazo em diferentes funções para que conheçam outras áreas e analisem a possibilidade de se candidatarem a futuras oportunidades de evolução profissional dentro da empresa.

PRÉMIOS PFIZER | O MAIS ANTIGO GALARDÃO ATRIBUÍDO NA INVESTIGAÇÃO BIOMÉDICA EM PORTUGAL

Conscientes de que o conhecimento é a base do desenvolvimento de novas terapêuticas que contribuem para melhorar a saúde e o bem-estar das pessoas, os Prémios Pfizer resultam de uma parceria entre a Pfizer e a Sociedade de Ciências Médicas de Lisboa, com o objectivo de contribuir para a dinamização da investigação em ciências da Saúde em Portugal.

Os Prémios Pfizer têm marcado de uma forma positiva a investigação que se faz em Portugal distinguindo os melhores trabalhos de investigação básica e clínica, elaborados total ou parcialmente em instituições portuguesas por investigadores portugueses ou estrangeiros e conferem anualmente um prémio monetário no valor de 20.000 euros para cada um dos projectos vencedores em cada área.

Criados em 1956, os Prémios Pfizer já premiaram mais de 700 investigadores em Portugal. No passado, já receberam esta distinção reputados investigadores portugueses como João Lobo Antunes (1960 e 1969), António Damásio (1974), Alexandre Castro Caldas (1974, 1976 e 1999), Maria Carmo-Fonseca (1981, 1987, 1989, 1995, 2002 e 2011), Miguel Castelo Branco (2005 e 2006), Miguel Soares (2009), Mónica Bettencourt Dias (2007 e 2012), Bruno Silva-Santos (2009), Henrique Veiga-Fernandes (2014), Maria Manuel Mota (2017), entre tantos outros investigadores.

AVITASZ

Mais de 500 anos ao serviço dos doentes



Ana Lopes
Diretora geral da Zentiva Portugal

marca Zentiva é uma referência no setor dos medicamentos genéricos a nível europeu. A empresa ocupa a quarta posição no mercado da Europa de Leste, com uma posição forte na República Checa, Eslováquia e Roménia, e a sexta posição na Europa Ocidental. Em Portugal, integra o ranking das 10 maiores empresas de genéricos. Sedeada em Praga, bem no coração da Europa, a Zentiva atua em 50 mercados, servindo uma população de mais de mil milhões de pessoas. Em Portugal, prevê-se que em julho sejam 31 os colaboradores com que irá contar para suportar a operação.

A política de recursos humanos da empresa é, também ela, inovadora. Em 2017, foi pela segunda vez eleita, por uma "pool" de jovens, a melhor empregadora na República Checa e a entidade empregadora mais prestigiada no setor da saúde e farmacêutico de Praga.

Com mais de 500 produtos em 900 formas farmacêuticas, a Zentiva detém um dos portefólios de produtos genéricos mais alargado do mercado internacional, potenciando maior acessibilidade a medicamentos de alta qualidade aos que deles necessitam e que procuram uma alternativa aos produtos farmacêuticos originais e mais caros. Desta forma, a Zentiva contribui para a redução de custos, e assim, para a investigação e desenvolvimento de novos medicamentos para suprir necessidades ainda não satisfeitas ao mesmo tempo que contribui para a sustentabilidade dos sistemas de saúde.

15 ÁREAS TERAPÊUTICAS-CHAVE

As principais áreas terapêuticas em que a Zentiva opera refletem a aposta da companhia em oferecer alternativas terapêuticas em condições com grande expressão epidemiológica, em Portugal e no mundo. São quinze: Doenças cardiovasculares; Doenças do sistema nervoso central; Doenças gastrointestinais e metabólicas; Doenças inflamatórias e dor; Hemopatia; Doenças infeciosas e fúngicas; Urologia; Doenças das vias respiratórias; Endocrinologia; Oncologia; Dermatologia e Soluções hospitalares, sendo esta última, uma das áreas em que a Zentiva irá reforçar a sua presença nos próximos anos.

MAIS DE 500 ANOS DE HISTÓRIA

As origens da Zentiva começam com a criação da farmácia Águia Negra, no século XV, em Praga, uma das mais antigas farmácias da República Checa.

A vertente industrial viria, contudo, alguns séculos mais tarde após a aquisição do estabelecimento por Benjamin Fragner e o filho, Karel, em 1857, que construíram uma fábrica farmacêutica nos arredores de Praga. É nesse local que viriam anos mais tarde a ser construídas as atuais instalações de produção bem como a sede da Zentiva. Em 1930 seriam produzidos os primeiros medicamentos.

A Farmácia original, ostentando na fachada a enorme Águia Negra, que lhe dá nome, ainda hoje existe, cuidadosamente preservada como a legou Fragner e o seu filho Karel.

O advento da Segunda Guerra Mundial e as alterações geopolíticas que se lhe seguiram viriam a transformar o modelo de negócio e a operação industrial. A Guerra permitiu que a fábrica, situada em Dolní Mecholupy, uma pequena aldeia próxima de Praga, se transformasse num verdadeiro santuário de investigação para inúmeros peritos proeminentes que viriam a contri-

www.zentiva.pt

Zentiva Group, a.s. © Empreendimento Lagoas Park, Edifício 7 - 3° 2740-244 Porto Salvo Portugal



buir fortemente para a investigação farmacêutica e farmacológica.

Em 1946, terminada a Guerra, a Zentiva é Nacionalizada e integrada na SPOFA (United Pharmaceutical Works), grupo estatal que liderava, à época, a produção farmacêutica na Checoslováquia. A empresa tinha, então, 750 colaboradores.

Com o avançar dos anos, a companhia foi sendo expandida quer em termos de novas instalações, equipadas com as mais modernas tecnologias quer de produção, com um aumento exponencial do volume de medicamentos produzidos.

Em 1993, ano da dissolução da Checoslováquia e da criação da República Checa e da República Eslovaca, que se seguiu ao fim da União Soviética, após a queda, em Novembro de 1989, do muro de Berlim, é criada a Leciva, empresa que seria a predecessora da Zentiva.

Nesse mesmo ano, a Zentiva recebe o primeiro certificado de práticas de fabricação regido pelas normas da OMS para a produção de antibióticos, tornando-se, assim, a primeira fabricante Checa a receber esta certificação.

Nesses anos simultaneamente tumultuosos e inspiradores, as mudanças decorriam a um ritmo surpreendente. Em 1998, a direção da empresa (que até aí era pública), decide adquirir uma posição maioritária no capital da Zentiva, em conjunto com um fundo de investimentos privado. Com a entrada em funções da nova administração, são feitos importantes investimentos em novas instalações, bem como em investigação e desenvolvimento, e a empresa introduz um portefólio composto por medicamentos genéricos modernos e de marca.

Cinco anos mais tarde, a Zentiva começa a sua expansão na Europa Central e de Leste (Rússia e Polónia), através da aquisição da Slovakofarma, a empresa farmacêutica líder na Eslováquia. A marca Zentiva passa a ser vendida na Europa, na Rússia, na Turquia, em África e no Médio Oriente.

2006 Seria um ano decisivo para o futuro da Zentiva. O Gigante biofarmacêutico Francês Sanofi adquire uma participação de 24,9% na Zentiva, tornandose o principal acionista da empresa. Em 2009, adquiriu a totalidade do capital. A Zentiva passa, a partir daí, a desempenhar um papel importante na estratégia da Sanofi enquanto prestadora de cuidados de saúde global diversificada focada nas necessidades dos doentes.

Consequência da aquisição, em 2011 A Sanofi introduz a marca Zentiva na Europa Ocidental, que passa a estar presente em França, Itália, Reino Unido, Portugal e Alemanha.

Em Janeiro de 2018, após uma revisão

de opções estratégicas relativamente à sua unidade de genéricos na Europa, a Sanofi decidiu transferir o negócio para a norte-americana Advent International, um Private Equity Global, com ativos avaliados em 31 biliões de dólares, focado na aquisição de empresas na Europa Central e Ocidental, EUA, América Latina e Ásia.

O valor da transação, de acordo com dados tornados públicos, foi de 1.9 mil milhões de euros, inferior ao oferecido pelo gigante indiano Torrent Pharmaceuticals, e a um outro grupo interessado, brasileiro, que não obstante terem apresentado ofertas monetárias superiores, não convenceram a Administração da Sanofi, cujo CEO, Olivier Brandicourt, veio a público explicar que a Advent era a melhor opção para garantir sucesso da Zentiva a longo prazo, uma das condições impostas pelo gigante Francês.

ZENTIVA PORTUGAL.... JÁ EM JULHO

Com a reestruturação em curso na empresa após a aquisição pela Advent Intenational, a marca Zentiva vai ganhar força em Portugal, onde atuará como Zentiva Portugal passando a operar de forma independente, a partir de 1 de julho. A sede internacional da empresa manter-se-á em Praga, como acontece desde a sua fundação, no século XV.



"A Bayer estruturou as suas atividades em três grandes áreas de produto que atuam de forma independente mas perfeitamente alinhada com os objetivos de inovação e crescimento sustentável do Grupo: Produtos para a Saúde de Pessoas, Animais e Plantas"



Florian Ibe Director Geral da Bayer Portugal

www.bayer.pt

Criar valor através da inovação, crescimento e de uma elevada rentabilidade

Bayer é uma empresa multinacional com competências nas áreas de ciências da vida, saúde e agricultura. Os seus produtos e serviços são delineados para beneficiar as pessoas e melhorar a sua qualidade de vida. Ao mesmo tempo, o Grupo tem como objetivo criar valor através da inovação, crescimento e de uma elevada rentabilidade.

A Bayer está comprometida com os princípios do desenvolvimento sustentável e com as suas responsabilidades sociais e éticas como um cidadão corporativo. No ano fiscal de 2017, o Grupo empregava cerca de 99.800 mil pessoas e teve uma faturação de 35 mil milhões de euros. Realizou investimentos na ordem de 2.4 mil milhões de euros e destinou 4,5 mil milhões de euros para Investigação & Desenvolvimento.

A Bayer é uma empresa inovadora de nível mundial com uma história de mais de 150 anos e competências essenciais nos domínios dos cuidados de saúde e da agricultura. Desenvolvemos novas moléculas para utilização em produtos e soluções de caráter inovador que melhoram a saúde dos seres humanos, animais e plantas. As nossas atividades de investigação e desenvolvimento assentam num entendimento profundo dos processos bioquímicos dos organismos vivos.

Com os nossos produtos, estamos a contribuir para encontrar soluções para alguns dos maiores desafios do nosso tempo. A população mundial, em crescimento e cada vez mais idosa, exige melhores cuidados médicos e uma cadeia alimentar adequada.

A Bayer está a melhorar a qualidade de vida das pessoas ao prevenir, aliviar e curar doenças. Estamos também a contribuir para o fornecimento fiável de alimentos, rações e matérias-primas baseadas em plantas de elevada qualidade.

SCIENCE FOR A BETTER LIFE

O nosso objetivo é estabelecer e conservar posições de liderança nos nossos mercados, criando valor para os nossos clientes, acionistas e funcionários. Como tal, a nossa estratégia foi concebida para ajudar a resolver alguns dos mais prementes desafios que a humanidade enfrenta, e ao fazê-lo excecionalmente bem procuramos consolidar o poder lucrativo da empresa.

OS NOSSOS VALORES

Enquanto cidadãos empresariais, estamos empenhados em trabalhar de forma sustentável e dar resposta às nossas responsabilidades sociais e éticas, respeitando ao mesmo tempo os interesses de todos os nossos parceiros. Os funcionários que têm uma paixão pela inovação vão desfrutar de excelentes oportunidades de desenvolvimento na Bayer. Os nossos valores desempenham um papel central no nosso trabalho diário e destinam-se a orientar-nos no cumprimento da nossa missão. Estas valores são representados pela palavra LIFE.

Em inglês, a palavra LIFE (vida) é também uma sigla dos valores e princípios de liderança nucleares da Bayer. "LIFE" significa Liderança, Integridade, Flexibilidade e Eficiência.

Estes valores aplicam-se a todos na Bayer, estando solidamente integrados no nosso sistema de gestão de desempenho global para os funcionários administrativos. A nossa cultura ética assegura uma identidade comum em toda a empresa, ultrapassando fronteiras nacionais, hierarquias administrativas e diferenças culturais.



Janssen: Inovação transformacional dentro e fora de portas

ais de 80 medicamentos que melhoram a vida de milhões de doentes em todo o mundo. 11 fazem parte da Lista de Medicamentos Essenciais da Organização Mundial de Saúde. Cerca de 8 mil milhões de dólares investidos em Investigação e Desenvolvimento (I&D) em 2017. Como resultado, mais de 100 medicamentos 'candidatos' a desenvolvimento. Cerca de 150 colaborações ativas em I&D em todas as fases de desenvolvimento de produto. Estes são apenas alguns números que permitem falar da Janssen, companhia farmacêutica do grupo Johnson & Johnson. Mas não são apenas números. São mais do que isso, demonstram a contribuição da Janssen para que as pessoas vivam vidas mais longas, mais saudáveis e mais felizes. Porque no final de contas é de Saúde que se trata. Da Saúde de todos.

Para que a Janssen tenha chegado onde está hoje é preciso recuar até 1953, altura em que Paul Janssen criou a Janssen Pharmaceutica N.V., um laboratório de investigação localizado na Bélgica. Conhecido e reconhecido na comunidade científica a nível global, o Dr. Paul foi um cientista que revolucionou a medicina moderna e inspirou toda uma nova geração de investigadores. O seu sucesso chamou a atenção do grupo Johnson & Johnson que, em 1961, comprou a empresa.

Hoje a Johnson & Johnson é o maior grupo mundial no setor da Saúde e a Janssen representa o setor farmacêutico do grupo. Presente em Portugal desde 1983, a Janssen é, atualmente, uma das maiores e mais ativas empresas da indústria farmacêutica em Portugal, contando com mais de 150 colaboradores na afiliada local.

A atividade da Janssen foca-se em cinco áreas terapêuticas: Imunologia, Infecciologia, Neurociências, Oncologia e Hipertensão Pulmonar (esta última através da aquisição da Actelion). Este foco permite à companhia dar resposta a necessidades médicas não preenchidas em doenças como Psoríase, VIH/SIDA, Esquizofrenia, Cancro da Próstata, Mieloma Múltiplo, Leucemia, entre outras. E não é uma resposta qualquer. Prova disse é o facto de o seu pipeline ter ocupado o primeiro lugar, no Índice de Inovação Produtiva da IDEA Pharma, durante quatro anos nos últimos seis anos.

A Janssen aposta numa estratégia de inovação transformacional e de empreendedorismo, aliando as capacidades internas à melhor ciência externa. O objetivo? Transformar a forma como as doenças são prevenidas, intercetadas, tratadas ou curadas.

Nunca é demais relembrar o valor dos medicamentos e da inovação. Porque "os doentes estão à espera". ■



(*Legenda da foto da esquerda para a direita)

DIRETOR FINANCEIRO

» Paulo Sá

DIRETORA DE RECURSOS HUMANOS

» Maria Faria

DIRETOR MÉDICO E REGULAMENTAR

» José Antunes

DIRETORA-GERAL

» Filipa Mota e Costa

RESPONSÁVEL DE IT

» Pedro Santos

DIRETORA DE CUSTOMER STRATEGY

» Patrícia Gouveia

DIRETOR COMERCIAL

» David Beas

ÁREAS TERAPÊUTICAS

- » Imunologia
- Infecciologia
- » Neurociências
- » Oncologia
- » Hipertensão Pulmonar

www.janssen.com/portugal

Portugal

m (+351) 214 368 600

© Lagoas Park, Edifício 9,

Better Health, Brighter Future



Takeda Uma farmacêutica focada no doente



Robert Lasek Country Manager da Takeda Portugal

www.takeda.com

(+351) 211 201 457 (+351) 211 201 456 Av. da Torre de Belém, n° 19 – R/c Es 1400-342 Lisboa Sociedade por quotas. NIF: 502 801 20 Takeda é uma companhia farmacêutica global, de origem japonesa, focada nos doentes e motivada pela inovação, contando já com uma história de 235 anos.

Com 30.000 colaboradores a nível mundial, a Takeda está presente em 70 países em várias regiões do mundo, no Japão, Estados Unidos, Europa, América Latina, África, Médio Oriente e Ásia-Pacífico. Os produtos da Takeda são comercializados em cerca de 100 países em todo o mundo, incluindo parcerias de comercialização.

Em Portugal a Takeda é liderada pelo americano Robert Lasek, e devido a uma estratégia de crescimento consolidada, mais que duplicou a sua equipa no último ano, tendo reforçado as suas principais áreas de atuação, mantendo sempre o compromisso de contribuir para melhorar a saúde dos doentes a nível nacional. Em Portugal, a Takeda está focada no segmento hospitalar, em quatro áreas principais: Oncologia, Hematologia, Gastroenterologia e Cirurgia.

A Takeda quer ser o parceiro preferencial dos profissionais de saúde, hospitais, associações de doentes e das entidades governamentais, e para isso, durante este ano a Takeda está empenhada em desenvolver e

proporcionar aos doentes terapias inovadoras nas áreas do Cancro do Pulmão, Linfoma de Hodgkin, Mieloma Múltiplo, Doença de Crohn, Crohn Fistulizante e Colite Ulcerosa, indo deste modo ao encontro da sua missão que passa por conseguir disponibilizar uma melhor Saúde e um futuro mais promissor à população, através de uma clara liderança na inovação em Medicina. Para isso conta com algumas parcerias de empresas líderes em Portugal.

Mas não é só de medicamentos que se faz a empresa. Além de criar sólidos valores corporativos, a Takeda está empenhada na realização de atividades de cidadania corporativa. A farmacêutica apoia diversas associações e criou inclusivamente iniciativas próprias como a "1000 cranes of hope", baseada na antiga tradição japonesa senbazuru, que promete conceder um desejo a uma pessoa que dobre 1000 garças de origami. Esta tradição japonesa tenta agrupar os desejos dos doentes, cuidadores, profissionais de saúde e colaboradores da Takeda, que estão juntos na luta contra o cancro. Para demonstrar o seu compromisso, Takeda Global Oncology faz uma doação por cada desejo incluído na sua página a várias organizações profissionais e de caridade.



Alnylam Pharmaceuticals

Alnylam é uma empresa biofarmacêutica multinacional fundada em 2002, em Cambridge (Massachusetts, EUA). A Alnylam procura tornar as descobertas científicas numa oportunidade para o desenvolvimento de terapêuticas inovadoras destinadas ao tratamento de doenças raras. Por isso, o silenciamento de genes pelo RNA de interferência (RNAi) - a descoberta científica vencedora do Prémio Nobel da Medicina em 2006 - está na origem da companhia e representa uma abordagem completamente nova no que respeita à desco-

berta e desenvolvimento de fármacos.

Grande parte do investimento da Alnylam destinase à investigação científica (I&D). A companhia está focada em três áreas terapêuticas fundamentais: doenças genéticas, cardiometabólicas e doenças hepáticas infeciosas. As doenças genéticas representam uma aposta importante. Uma das patologias para as quais a Alnylam está a desenvolver um tratamento inovador é a amiloidose ATTR hereditária (ATTRh), descrita pela primeira vez na população portuguesa pelo neurologista Corino de Andrade e que continua ainda hoje a ter grande expressão. Estão também em curso três ensaios clínicos em fase III para o tratamento da amiloidose ATTR hereditária (ATTRh), hemofilia e por-

firia hepática aguda.



Alicia Folgueira Diretora Geral Ibérica Alnylam

EQUIPA

» A Alnylam conta atualmente com 700 colaboradores em todo o mundo, com escritórios no Reino Unido, França, Itália, Alemanha, Espanha, Portugal e Suíça.

www.alnylam.com/ alnylam-portugal/

⊚ info@alnylam.pt



BOIRON

Boiron é um grupo farmacêutico familiar e independente, fundado em 1932, em França, por dois farmacêuticos, Jean e Henri Boiron.

A mis- são da Boiron é simplesmente fabricar os melhores medicamentos para o maior bem-estar possível do doente.

Em Portugal, estamos presentes desde 2010 e o nosso objectivo é que todos os profissionais de saúde em Portugal, médicos e farmacêuticos, integrem a homeopatia nas suas práticas quotidianas. A delegação assegura o contacto com parceiros comerciais, organismos públicos e profissionais, distribuidores de medicamentos, médicos, farma-

cêuticos e doentes. Ajuda a organizar cursos de homeopatia (para médicos e farmacêuticos), publica literatura especializada e é activa no campo da promoção e marketing.

A Boiron Portugal conta neste momento com uma equipa jovem, dinâmica e motivada que irá continuar a trabalhar no sentido de levar a homeopatia ao conhecimento do público em geral e dos profissionais de saúde, mostrar as suas vantagens e o seu enquadramento na medicina.

A homeopatia é indubitavelmente uma grande maisvalia para o doente e mais uma opção terapêutica que o médico disponibiliza na sua prática quotidiana, mas é também um fator de diferenciação para a farmácia que procura alargar e fidelizar os seus clientes.



Fernando Vitorino Director Geral



João Pedro Jorge Responsável Administrativo e Financeiro

www.boiron.pt

A. MENARINI PORTUGAL FARMACÊUTICA S.A.

Quinta da Fonte, Edifício D. Manuel I - Piso 2-A 2770-071 Paço de Arcos Telef: 210 935 500 Site: www.menarini.pt

ABBOTT LABORATÓRIOS, LDA

Estrada de Alfragide, 67 Alfraparque - Edif. D 2610-008 Amadora Telef: 214 727 100 Site: www.pt.abbott

ABBVIE, LDA.

Estrada de Alfragide, 67 -Alfrapark - Edificio D - Alfragide 2610-008 Amadora Telef: 211 9084 00 Site: abbvie.com

ACTELION PHARMACEUTI-CALS PORTUGAL, SOCIEDA-

UNIPESSOAL, LDA.

Praça Marquês de Pombal, 15 - 8° 1250-163 Lisboa Telef: 213 586 120 Site: www.actelion.com

ALFA WASSERMANN - PRODU-TOS FARMACÊUTICOS, LDA

Av. José Malhoa, 2, Edificio Malhoa Plaza, 2º Piso - Esc.2.2 1070-325 Lisboa **Telef:** 217 226 110

ALMIRALL - PRODUTOS FARMACÊUTICOS, LDA

Rua do Central Park, Edifício 3, 6, 4° B 2795-242 Linda-a-Velha Telef: 214 155 750 Site: www.almirall.com

AMGEN - BIOFARMACÊUTICA, LDA

Edificio D. Maria I (Q60)-Piso 2A 2770-229 Paço de Arcos Telef: 214 220 550 Site: www.amgen.pt

ANGELINI FARMACÊUTICA, LDA

Rua João Chagas, 53 - 3° 1495-072 Algés **Telef:** 214 148 300 **Site:** www.angelini.pt

ASCENSIA DIABETES CARE PORTUGAL,LDA.

Av. Dom João II, 44 C Ed. Atlantis, Piso 3 1900-095 Lisboa **Telef:** 808 269 269 **Site:** www.diabetes.ascensia.pt

ASTELLAS FARMA, LDA

Lagoas Park Edifício 5, Torre C, Piso 6 2740-245 Porto Salvo Telef: 214 401 300 Site: www.astellas.com.pt

ASTRAZENECA - PRODUTOS FARMACÊUTICOS, LDA

Rua Humberto Madeira, 7 Queluz de Baixo 2730-097 Barcarena Telef: 214 346 100 Site: www.astrazeneca.pt

BAUSCH & LOMB, S.A

Av. da República, 25 - Fracção 6A 1050-186 Lisboa Telef: 214 253 347 Site: www.bausch.com

BAYER PORTUGAL, LDA

R. da Quinta do Pinheiro, 5 Outurela 2794-003 Carnaxide Telef: 214 172 121 Site: www.bayer.pt

BECKMAN COULTER PORTUGAL UNIPESSOAL, LDA

Fracção 0.35 2790-073 Carnaxide Telef: 211 212 223 Site: www.beckmancoulter.com

Av. do Forte, 3, Edifício III, r/c

BENE FARMACÊUTICA, LDA

Av. D. João II, Ed. Atlantis, 44-C - 1° 1990-095 Lisboa **Telef:** 211 914 455 **Site:** www.benefarmaceutica.pt

BGP PRODUCTS, UNIPESSOAL, LDA

Avenida D. João II, Edifício Atlantis 44C - 7.3 e 7.4 1990-095 Lisboa **Telef:** 214 127 200 **Site:** www.brufensuspensao.pt

BIAL - PORTELA & CA., S.A.

Av. da Siderurgia Nacional 4745-457 São Mamede Coronado Telef: 229 866 100 Site: www.bial.com

BIALPORT - PRODUTOS FARMACÊUTICOS, S.A

Estrada do Paço do Lumiar Campus do Lumiar Edifício O 1649-038 Lisboa Telef: 217 704 010 Site: www.bial.com

BIOGEN PORTUGAL SOCIEDA-DE FARMACÊUTICA, UNIPES-SOAL LDA.

Av. Duque D'Ávila, 141 - 7° andar 1050-081 Lisboa Telef: 213 188 450 Site: www.biogen.pt

BIOMERIEUX PORTUGAL-APARELHOS E REAGENTES DE LABORATÓRIO, LDA

Av. 25 de Abril de 1974, 23, 3° 2795-197 Linda-a-Velha **Telef:** 214 152 350 **Site:** www.biomerieux.pt

BIO-RAD LABORATORIES APARELHOS E REAGENTES PARA LABORATÓRIOS, LDA

Av. Quinta Grande, 53 - Frac. 3B - Edif. Prime Alfragide 2614521 Amadora Telef: 214 727 711
Site: www.bio-rad.com

BLUEPHARMA GENÉRICOS -COMÉRCIO DE MEDICAMEN-TOS S.A.

Rua da Bayer São Martinho

do Bispo 3045-016 Coimbra **Telef:** 239 800 300 **Site:** www.bluepharma.pt

BOEHRINGER INGELHEIM ANIMAL HEALTH PORTUGAL, UNIPESSOAL, LDA

Avenida de Pádua, 11 1800-294 Lisboa Telef: 219 169 340 Site: www.boehringer-ingelheim.pt

BOEHRINGER INGELHEIM, LDA

Unilfarma, Lda. Av. de Pádua, 11 1800-289 Lisboa **Telef:** 213 135 300 **Site:** www.boehringer-ingelheim.pt

BRISTOL-MYERS SQUIBB FARMACÊUTICA PORTUGUESA, S A

Rua Cláudio Galeno, Edif. Alloga, Cabra Figa 2635-154 Rio de Mouro Telef: 214 407 000 Site: www.bms.com

BSG PHARMACEUTICALS PRODUTOS FARMACÊUTI-COS INOVADORES, S.A

Av. Casal Ribeiro, $18-7^{\circ}$ Dto 1000-092 Lisboa Telef: $213\ 522\ 785$ Site: www.schuelke.pt

CELGENE, SOCIEDADE UNIPESSOAL, LDA.

Lagoas Park, Edíficio 11 - 1º Andar 2740-270 Porto Salvo Telef: 210 044 300 Site: www.celgene.com

CICLUM FARMA UNIPES-SOAL, LDA

Quinta da Fonte, Edifício D. Amélia, Piso 1 - Ala B 2770-229 Paço de Arcos Telef: 211 209 870 Site: www.ciclumfarma.pt

CODILAB - INDÚSTRIA E COMÉRCIO DE PRODUTOS FARMACÊUTICOS,S.A.

Rua Cidade de Hull, 2, Agualva 2735-211 Cacém Telef: 217 205 707

CPCH - COMP. PORT. CONSUMER HEALTH, LDA

Rua do Bem Lembrados, 141 -Manique 2645-471 Alcabideche Telef: 214 449 630 Site: www.cpch.pt

CREFAR REPRESENTAÇÕES, LDA.

Rua da Madalena, 171 - 2° 1149-032 Lisboa **Telef:** 218 824 690 **Site:** www.crefar.pt

DAIICHI SANKYO PORTUGAL, LDA

Rua das Lagoas Pequenas, Edifício 5B, Piso 3 Lagoas Park, 2740-245 Porto Salvo
Telef: 214 232 010
www.daiichi-sankyo.pt

DÁVI II FARMACÊUTICA, S.A

Estr. Consiglieri Pedroso, 71 Edifício D - 3º Esq. 2730-055 Barcarena **Telef:** 214 340 000 **Site:** www.davi.pt

DERMIS PRODUTOS DE SAÚDE, S.A.

Rua Jorge de Sena, 1E - Escritório 5 1750-129 Lisboa Telef: 213 144 402 Site: www.dermis.pt

DIASORIN IBÉRIA, S.A. Sucursal em Portugal

Largo da Lagoa, 7 C 2795-116 Linda-a-Velha Telef: 214 159 206 Site: www.diasorin.com SEMPRE CURIOSOS

IPAGINE OS PRÓXIMOS 350 ANOS

CURIOSIDADE PARA A VIDA

Dizem que 350 anos é muito tempo. Para nós demonstra há quanto tempo assumimos o nosso compromisso de ajudar a **criar, prolongar e melhorar as vidas dos doentes.**

Reconhecidos como uma **empresa de ciência e tecnologia**, acreditamos que todos, em qualquer parte do mundo, têm o direito de aceder às melhores soluções terapêuticas.



IGRCK

DISTRIFARMA - COMPANHIA DE DISTRIBUIÇÃO FARMACÊUTICA, S.A.

Est. Consiglieri Pedroso, 80 - Lt. 3 - Armz. 1/12 Queluz de Baixo 2730-053 Barcarena **Telef:** 214 346 970 **Site:** www.distrifarma.pt

EISAI FARMACÊUTICA, UNIPESSOAL, LDA

Lagoas Park - Edifício 5A - Piso 6 2740-298 Porto Salvo Telef: 214 875 540 Site: www.eisai.com

EUROTRIALS - CONSULTO-RES CIENTÍFICOS, SA

Rua Tierno Galvan, Torre 3-16° 1070-274 Lisboa Telef: 213 825 440 Site: www.eurotrials.com

FERRER PORTUGAL S.A.

Rua Quinta do Paizinho, 1 - 1° Dto Portela de Carnaxide 2794-066 Carnaxide Telef: 214 449 600 Site: www.ferrer.com

FERRING PORTUGUESA, LDA.

Rua Alexandre Herculano, Edf. 1 - 6° Piso 2795-240 Linda-a-Velha **Telef:** 219 405 190 **Site:** www.ferring.pt

FRESENIUS MEDICAL CARE PORTUGAL, SA.

Rua Prof. Salazar de Sousa, Lote 12 Urbanização da Qta. das Pedreiras 1750-233 Lisboa Telef: 217 501 100

GENIBET BIOPHARMACEUTI-CALS, SA

Site: www.fresenius-medical-care.pt

Edif. da Unidade Piloto do IBET, Av. da República, Qta. do Marquês 2780-157 Oeiras Telef: 214 469 485 Site: www.genibet.com

GILEAD SCIENCES, LDA.

Atrium Saldanha Praça Duque de Saldanha, 1 – 8°A e B 1050-094 Lisboa **Telef:** 217 928 790 **Site:** www.gilead.com

GLAXO WELLCOME FARMACÊUTICA, LDA.

Rua Dr. António Loureiro Borges, 3 Arquiparque-Miraflores 1499-013 Algés **Telef:** 214 129 500 **Site:** www.gsk.com

GLAXOSMITHKLINE - PRO-DUTOS FARMACÊUTICOS, LDA.

Rua Dr. António Loureiro Borges, 3 Arquiparque-Miraflores 1499-013 Algés Telef: 214 129 500 Site: www.gsk.com

GLAXOSMITHKLINE CONSUMER HEALTHCARE -PRODUTOS PARA A SAÚDE E HIGIENE. LDA.

Rua Dr. António Loureiro Borges, 3 Arquiparque-Miraflores 1495-131 Algés Telef: 214 129 500 Site: www.gsk.com

GRUNENTHAL, S.A.

Alameda Fernão Lopes, 12 - 8°A 1495-190 Algés Telef: 214 726 300 Site: www.grunenthal.pt

IBERFAR - INDÚSTRIA FARMACÊUTICA, S.A.

Rua Consiglieri Pedroso, 123 2746-601 Barcarena Telef: 214 348 100 Site: www.iberfar.pt

INTERCEPT PHARMA PORTUGAL, UNIPESSOAL, LDA.

Rua Tomás da Fonseca, Torre G, 1º Piso 1600-209 Lisboa Telef: 217 230 600 Site: www.interceptpharma.com

IPSEN PORTUGAL - PRODU-TOS FARMACÊUTICOS, S.A.

Alameda Fernão Lopes, 16 - 11° Miraflores 1495-190 Algés **Telef:** 214 123 550 **Site:** www.ipsen.com

ISDIN - LABORATÓRIO FARMACÊUTICO UNIPESSOAL, LDA

Avenida Infante D. Henrique, Lote 1 - Edifício Xerox 1950-421 Lisboa Telef: 218 950 084 Site: www.isdin.com

JABA RECORDATI S.A.

Lagoas Park, Edificio 5, Torre C, Piso 3 2740-245 Porto Salvo Telef: 214 329 560 Site: www.jaba.pt

JANSSEN CILAG FARMACÊUTICA, LDA

Lagoas Park, Edifício 9 2740-262 Porto Salvo Telef: 214 368 835 Site: www.janssen.com/portugal

JOHNSON & JOHNSON, LDA.

Lagoas Park, Edíficio 9 2740-262 Porto Salvo Telef: 214 368 600 Site: www.jnj.pt

KIRONFARMA PRODUTOS FARMACÊUTICOS, SOCIEDA-DE UNIPESSOAL LDA.

Av. Dom João II, Lote 1.06.2.2C -2°C Parque das Nações, Edifício Atlantis 1990-095 Lisboa

Telef: 214 658 520

KORANGI - PRODUTOS FARMACÊUTICOS, LDA.

Rua da Vinha, 17 2765-388 Estoril **Telef:** 219 251 901 **Site:** www.korangi.pt

LABORATÓRIO EDOL, PRODUTOS FARMACÊUTI-COS, S.A.

Av. 25 de Abril, 6 - 6° 2795-195 Linda-a-Velha **Telef:** 214 158 130 **Site:** www.edol.pt

LABORATÓRIO MEDINFAR -PRODUTOS FARMACÊUTI-COS, S,A

Rua Henrique de Paiva Couceiro, 29, Venda Nova 2704-006 Amadora Telef: 214 997 400 Site: www.medinfar.pt

LABORATÓRIOS ATRAL, S.A

Rua da Estação, 42 Vala do Carregado 2600-726 Castanheira do Ribatejo Telef: 263 856 800 Site: www.atralcipan.com

LABORATÓRIOS AZEVEDOS -INDÚSTRIA FARMACÊUTICA,

Estrada da Quinta 148 – 148 A 2645-436 Alcabideche **Telef:** 214 725 900

Site: www.grupoazevedos.com

LABORATÓRIOS BASI -INDÚSTRIA FARMACÊUTICA, S.A.

Parque Industrial Manuel Lourenço Ferreira, Lote 15 3450-232 Mortágua **Telef:** 231 920 250 **Site:** www.basi.pt

LABORATÓRIOS FARMACÊUTICOS ROVI, S.A.

Jardins da Parede, Rua do Pinhal, Lote 16 2775-354 Parede Telef: 213 105 610 Site: www.rovi.es

LABORATÓRIOS GALDERMA SA - SUCURSAL EM PORTU-GAL

Rua Alexandre Herculano, 8 2799-554 Linda-a-Velha **Telef:** 213 151 940 **Site:** www.galderma.pt

LABORATÓRIOS INIBSA, S.A.

Sintra Business Parck, Edifício 1 - 2º I Zona Industrial da Abrunheira 2710-089 Sintra **Telef:** 219 112 730 **Site:** www.inibsa.pt

LABORATÓRIOS PFIZER, LDA.

Lagoas Parque, Edifício 10 2740-271 Porto Salvo **Telef:** 214 235 500 **Site:** www.pfizer.pt

LABORATÓRIOS PFIZER,

Lagoas Parque, Edifício 10 2740-271 Porto Salvo Telef: 214 235 500 Site: www.pfizer.pt

LABORATÓRIOS VITÓRIA, S.A.

Rua Elias Garcia, 28 2700-327 Amadora **Telef:** 214 758 300 **Site:** www.labvitoria.pt

LEO FARMACÊUTICOS, LDA.

Torre Colombo Oriente Av. do Colégio Militar, 37F - 7º Piso Fração C

1500-180 Lisboa **Telef:** 217 110 760 **Site:** www.leo-pharma.pt

LILLY PORTUGAL - PRODU-TOS FARMACÊUTICOS, LDA.

Torre Ocidente - R. Galileu Galilei, 2 Piso 7 Fracção A/D 1500-392 Lisboa Telef: 214 126 600 Site: www.lilly.pt



Alterar a prática da medicina

Na Novartis aproveitamos o poder inovativo da ciência para resolver alguns dos mais desafiadores problemas de saúde na nossa sociedade. Os nossos investigadores trabalham para ultrapassar as fronteiras da ciência, ampliar a nossa compreensão das doenças e desenvolver novas terapêuticas em áreas cujas necessidades médicas ainda não foram resolvidas. Temos paixão em descobrir continuamente novas formas de prolongar e melhorar a vida dos doentes.



LUNDBECK PORTUGAL - PRODUTOS FARMACÊUTI-COS UNIPESSOAL, LDA.

Quinta da Fonte Rua dos Malhões Edificio Q.56 D.Pedro I – 2°Esq 2770-203 Paço de Arcos

Telef: 210 045 900 Site: www.lundbeck.com

LUSOMEDICAMENTA, SOCIE-DADE TÉCNICA FARMACÊU-TICA, S.A.

Estrada Consiglieri Pedroso, 69-B Queluz de Baixo 2730-055 Barcarena Telef: 214 340 000 Site: www.lusomedicamenta.pt

MEDAC GESELLSCAFT FUR KLINISCHE SPECIAL PRAPARATE MBH

Alameda António Sérgio, 22 - 6° C 1495-132 Algés **Telef:** 214 107 583 **Site:** www.medac.pt

MEDIREX PHARMA, LDA.

Rua Tierno Galvan, Torre 3, 10°, Amoreiras 1070-274 Lisboa Telef: 213 014 472 Site: www.welance.pt

MEDTRONIC PORTUGAL, LDA.

Centro Empresarial Torres de Lisboa, Rua Tomás da Fonseca, Torre E . 11º andar 1600-209 Lisboa **Telef:** 217 245 100 **Site:** www.medtronic.pt

MENARINI DIAGNÓSTICOS - MATERIAL DE LABORATÓ-RIO, LDA.

Quinta da Fonte, Edifício D. Manuel I, 2º B 2770-203 Paço de Arcos **Telef:** 210 930 000 **Site:** www.menarinidiag.pt

MERCK SHARP & DOHME, LDA.

Edif. Vasco da Gama, 19 Quinta da Fonte 2770-192 Paço de Arcos **Telef:** 214 465 700 **Site:** www.msd.pt

MERCK, S.A.

Edificio DUO Miraflores Alameda Fernão Lopes, 12 4° B 1495-190 Miraflores **Telef:** 213 613 500 **Site:** www.merck.pt

MUNDIPHARMA FARMACÊUTICA, LDA.

Lagoas Park Edifício 8 Piso 0 R. Encosta das Lagoas 2740-268 Porto Salvo Oeiras **Telef:** 219 013 162 **Site:** www.mundipharma.pt

NOREVA PORTUGAL -UNIPESSOAL, LDA.

Av. Duque de Ávila, 185, 2° C 1050-082 Lisboa Telef: 211 397 100 Site: www.norevaportugal.pt

NORGINE - PORTUGAL FARMACÊUTICA UNIPESSOAL, LDA.

Edifício Smart, Rua do Pólo Norte e Alameda dos Oceanos, Lote 1.06.1.1 – Escritório 1C 1990-235 Lisboa Telef: 218 952 735 Site: www.norgine.com

NOVARTIS FARMA - PRODU-TOS FARMACÊUTICOS, S.A.

Av. Prof. Dr. Cavaco Silva, 10 E Taguspark 2740-255 Porto Salvo Telef: 210 008 600 Site: www.novartis.pt

NOVO NORDISK COMÉRCIO DE PRODUTOS FARMACÊUTI-COS, LDA.

Edf. D. José, Q54 - Piso 1 Quinta da Fonte 2744-970 Paço de Arcos Telef: 214 404 000 Site: www.novonordisk.pt

OCTAPHARMA - PRODUTOS FARMACÊUTICOS, LDA.

Rua dos Lagares D'El Rei, 21C R/C Dto. 1700-268 Lisboa Telef: 218 160 820 Site: www.octapharma.pt

OM PHARMA S.A.

Rua da Indústria, 2 - Quinta Grande 2610-088 Amadora **Telef:** 214 708 500 **Site:** www.ompharma.pt

ORTHO CLINICAL DIAGNOS-TICS PORTUGAL UNIPES-SOAL, LDA

Lagoas Park Edifício 5, Torre B, Piso 2 2740-245 Porto Salvo Telef: 800 201 339 Site: www.orthoclinicaldiagnostics.com

PFIZER BIOFARMACÊUTICA, SOCIEDADE UNIPESSOAL, LDA

Lagoas Park, Edifício Dez 2740-271 Porto Salvo Telef: 214 235 500 Site: www.pfizer.pt

PHARMAKERN PORTUGAL - PRODUTOS FARMACÊUTI-COS SOC. UNIPESSOAL, LDA.

Avenida do Forte, 3, Edifício Suécia I, Piso 0, salas 1.04 e 1.29 2794-038 Carnaxide **Telef:** 214200290 www.pharmakern.com

PROSPA - LABORATÓRIOS FARMACÊUTICOS, S.A

Av. do Forte, 3 Edificio Suécia IV - Piso 2 2795-504 Carnaxide Telef: 214 171 747

QUIMEDICAL - PRODUTOS FARMACÊUTICOS, LDA.

Edifício Azevedos - Estrada da Quinta 148 - 148 A Manique de Baixo 2645-436 Alcabideche

Telef: 214 725 907 **Site:** www.grupoazevedos.com

RECKITT BENCKISER HEALTHCARE, LDA

Rua D. Cristóvão da Gama, 1 - 1°C/D 1400-113 Lisboa Telef: 213 033 000 Site: www.rb.com

ROCHE - SISTEMAS DE DIAGNÓSTICOS, SOCIEDADE UNIPESSOAL, LDA.

Estrada Nacional, 249 - 1 2720-413 Amadora Telef: 214 257 000 Site: www.roche.pt

ROCHE FARMACÊUTICA QUÍMICA, LDA.

Estrada Nacional, 249 - 1 2720-413 Amadora Telef: 214 257 000 Site: www.roche.pt

SANOFI - PRODUTOS FARMACÊUTICOS, LDA.

Empreendimento Lagoas Park -Edíficio 7 - 3º andar 2740-244 Porto Salvo **Telef:** 213 589 400 **Site:** www.sanofi.pt

SATIS - RADIOISÓTOPOS E PROTEC. C/SOBRETEN-SÕES ELÉCTRICAS, UNIPES., LDA.

Av. do Forte 6/6A -Edif. Ramazzotti 2790-072 Carnaxide **Telef:** 214 251 352

SERVIER PORTUGAL -ESPECIALIDADES FARMACÊUTICAS, LDA.

Av. António Augusto de Aguiar, 128 1069-133 Lisboa Telef: 213 122 000 Site: www.servier.com

SHIRE PHARMACEUTICALS PORTUGAL, LDA.

Av. da República, 50 - 10° 1069-211 Lisboa **Telef:** 213 502 130 **Site:** www.shire.com

SIDEFARMA - SOCIEDADE INDUSTRIAL DE EXPANSÃO FARMACÊUTICA, S.A.

Rua da Guiné, nº 26 2689-514 Prior Velho **Telef:** 219 426 100 **Site:** www.sidefarma.pt

SIEMENS HEALTHCARE, LDA.

Rua Irmãos Siemens, 1 - Edifício 4 A, Piso 1 2720-093 Amadora **Telef:** 214 204 172 **Site:** www.healthcare.siemens.pt

SMITH & NEPHEW, LDA.

Parque Tejo – Bloco C - Piso 1 EN10 ao KM 131 2625-445 Forte da Casa Telef: 214 460 650 Site: www.smith-nephew.com SOFARIMEX - INDÚSTRIA QUÍMICA E FARMACÊUTICA, SA.

Avenida das Indústria Alto de Colaride 2735-213 Cacém **Telef:** 214 328 200

STAGO PORTUGAL UNIPESSOAL, LDA.

Estrada de Alfragide, 67 Alfrapark, Edificio F - Piso 0 Sul 2610-008 Amadora Site: 211 935 200 Site: www.stago.com

TAKEDA - PRODUTOS FARMACÊUTICOS, LDA.

Av. da Torre de Belém, 19 - R/C E 1400-342 Lisboa Telef: 211 201 457 Site: www.takeda.pt



FALE COM UM MÉDICO NA HORA EM QUE PRECISA

SEGURO DE SAÚDE MULTICARE | Ligue 24h/7

MEDICINA ONLINE

808 78 24 24

multicare.pt f 🖸 🛅



Esta informação não dispensa a consulta da informação pré-contratual e contratual legalmente exigida. Fidelidade - Companhia de Seguros, S.A. • NIPC e Matrícula 500 918 880, na CRC Lisboa • Sede: Largo do Calhariz, 30, 1249-001 Lisboa - Portugal Capital Social € 381 150 000 • Šerviço Apoio ao Cliente: T. 21 794 88 80 • F. 21 323 78 80 • E. apoiocliente@multicare.pt Atendimento telefónico personalizado nos dias úteis das 8h às 22h e Sábados das 8h às 14h. Assistência: todos os dias - 24h/dia

TECNIFAR - INDÚSTRIA TÉCNICA FARMACÊUTICA, S.A.

Rua José da Costa Pedreira, 11B – Torre Sul 1750-130 Lisboa **Telef:** 210 330 700 **Site:** www.tecnifar.pt

TECNIMEDE - SOCIEDADE TÉCNICO-MEDICINAL, S.A.

Rua da Tapada Grande, 2 Abrunheira 2710-089 Sintra Telef: 210 414 100 Site: www.tecnimede.pt

THE BINDING SITE GROUP, LDA. - SUCURSAL PORTUGAL

Edifício Atrium Saldanha, $1 - 4^{\circ}$ piso, letras H e O 1050-094 Lisboa Telef: $243\ 092\ 651$ Site: www.bindingsite.com

THERMO FISHER DIAGNOSTICS, SOCIEDADE UNIPESSOAL, LDA.

Lagoas Park, Edificio 11 2740-270 Porto Salvo **Telef:** 214 235 364 **Site:** www.thermofisher.com

TILRAY PORTUGAL, UNIPESSOAL, LDA.

Rua Carlos Alberto da Mota Pinto, 9, 7º A 1070-374 Lisboa **Site:** www.tilray.com

UCB PHARMA (PRODUTOS FARMACÊUTICOS), LDA.

Rua Victor Câmara, Edifício Q 60, D.- Maria I, Piso 1, Fracção D Quinta da Fonte 2770-229 Paço de Arcos Telef: 213 025 327 Site: www.ucb.com

VIIVHIV HEALTHCARE, UNIPESSOAL, LDA

Rua Dr. António Loureiro Borges, n°3, Arquiparque -Miraflores 1499-013 Algés Telef: 210 940 801 Site: www.viiyhealthcare.com

WERFEN PORTUGAL, LDA.

Rua do Proletariado, 1, Quinta

do Paizinho 2795-648 Carnaxide **Telef:** 214 247 300 **Site:** www.werfen.com

ZAMBON - PRODUTOS FARMACÊUTICOS, LDA.

Rua Comandante Enrique Maya, 1 1500-192 Lisboa **Telef:** 217 600 954 **Site:** www.zambon.pt

As informações deste diretório, foram gentilmente cedidas pela Associação Portuguesa da Indústria Farmacêutica, que congrega a a maioria das empresas do setor. Esta listagem é, pois, representativa do setor, ainda que não inclua a totalidade das empresas farmacêuticas que operam em Portugal.



Atualize os seus dados para a próxima edição



Envie os seus dados para:

Telef: 217 655 300

E-mail: comercial@jornaleconomico.pt



Na Astellas, estamos empenhados em transformar as inovações científicas em soluções médicas que tragam valor e esperança aos doentes de todo o mundo.

Todos os dias, trabalhamos para responder a necessidades médicas não atendidas nas áreas terapêuticas prioritárias, com foco em oncologia, urologia, anti-infecciosos e transplantação, ao mesmo tempo que promovemos novas áreas terapêuticas e alavancamos novas tecnologias de investigação. Continuamos dedicados a ir ao encontro das necessidades dos doentes, nunca deixando de os apoiar.

Através do nosso compromisso de proporcionar aos doentes a esperança de um futuro melhor, procuramos liderar o caminho nas nossas áreas de experiência terapêutica, concentrando-nos naquelas em que as necessidades médicas permanecem insatisfeitas. Através da inovação, continuaremos a identificar e a desenvolver novas formas de melhorar a saúde dos doentes.

Na Astellas, estamos focados em mudar o amanhã.





